

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

QUESTÕES
POLITICAS E SOCIAES.

DISCURSOS

PROFERIDOS

NAS DUAS PRIMEIRAS SESSÕES

DA

16.^a LEGISLATURA

DA

Assembléa Geral Legislativa

POR

Alfredo de Escraignolle Taunay

Deputado pela Provincia de Goyaz.



RIO DE JANEIRO

Typ. G. Henzinger & Filhos, Ouvidor 34.

1877

QUESTÕES
POLITICAS E SOCIAES.



DISCURSOS

PROFERIDOS

NAS DUAS PRIMEIRAS SESSÕES

DA

16.^a LEGISLATURA

DA

Assembléa Geral Legislativa

POR

Alfredo de Escraignolle Taunay

Deputado pela Provincia de Goyaz.



RIO DE JANEIRO

Typ. G. Heuzinger & Filhos, Ovidor 34.

1877

DISCURSO

PROFERIDO NA

SESSÃO DE 16 DE ABRIL DE 1877

POR OCCASIÃO DA

2.^a DISCUSSÃO DO PROJECTO DE LEI QUE FIXAVA AS FORÇAS DE TERRA (*)



O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Ao tomar, Sr. Presidente, parte neste importante debate, e antes de responder ao illustrado orador que acaba de sentar-se, e que com phrase singela, mas energica, atacou o gabinete 25 de Junho e a actual situação conservadora, hade V. Ex. permittir que com todo o respeito eu saúde o nobre Sr. ministro da Guerra e Presidente do Conselho, por enxergar nelle não só o General que tantas vezes guiou as armas brasileiras á victoria, como tambem o politico leal e firme (*apoiados*) que no ultimo quartel da vida presta ainda serviços relevantissimos ao paiz e ao partido a que pertence, não regateando a ambos sacrificios de qualquer naturêza que sejam. (*Muitos apoiados.*)

A nós conservadores, deve encher de orgulho vermos comparecer nesta augusta casa esse eminente cidadão, que poderia comtudo estar commodamente descansando á sombra dos louros que com tanta dignidade colheu. (*Apoiados.*) Como conservadores, temos sem duvida desvanecimento por

(*) O orador respondia ao Sr. Deputado pela Cañia Leão Veloso.

contempla-lo neste recinto affrontando as recriminações e os despeitos sempre vivazes dos contrarios...

O SR. CESARIO ALVIM E OUTROS SRS. DEPUTADOS: — Despeito por que?

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—...e supportando até as injustiças de seus proprios amigos.

O SR. LEÃO VELLOSO: — Despeito, não; é direito nosso.

VOZES: — Oh! oh!

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: -- A essa alma tão rijamente temperada, a esse homem tão illustre, devemos, pois, duplo reconhecimento, porque a um tempo temos que pagar avultada divida de gratidão, já como brasileiros, já como homens militantes na politica. (*Apoiados.*)

Senhores, a vida do venerando Duque de Caxias é um pharol seguro e radiante para quem busque bem servir sua patria, conservando sempre a coherencia e lealdade com que estreiou na carreira publica. (*Apoiados.*)

Na verdade, desde que apparece na historia dos acontecimentos patrios o nome do major Luiz Alves de Lima, que depois com o tempo se transformou no glorioso titulo de Duque de Caxias, é sempre esse nome o assignalamento de uma acção brilhante, de um serviço valiosissimo, de um rasgo de nobreza, de moderação e acrysolado patriotismo. (*Apoiados e apartes.*) E' uma vida longa, cheia de peripecias, mas uma vida sem manchas nem desfallecimentos. (*Apoiados e apartes.*)

O SR. LEÃO VELLOSO: — Ninguem negou isto. (*Apoiados da opposição.*)

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Eis a razão de orgulho, e justificado orgulho, do partido conservador, que vê no nobre Duque o seu chefe natural, desse partido em cujas fileiras tenho a honra de militar como soldado raso, mas dedicado.

Cumprido, Sr. Presidente, este dever, que manifesta não já o accordo, mas o enthusiasmo com que nós, mem-

bros da commissão de Marinha e Guerra, proeuramos e procuraremos auxiliar o nobre Ministro...

O SR. DANTAS: — Falla pelos seus collegas?

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — ...vou tentar responder perfunctoriamente ao illustrado e valente opposicionista que me precedeu com a palavra.

Assevcrou S. Ex. que tres havião principalmente sido os fins da organisação do Ministerio 25 de Junho: 1.º reconciliar o partido conservador; 2.º fazer as eleições, e 3.º amparar a regencia e ajuda-la, esperando pela volta de Sua Magestade o Imperador.

Sr. Presidente, o nobre Deputado assignalou perfeitamente dous dos importantissimos serviços que ao paiz e ao partido prestou o gabinete 25 de Junho. Reconciliou o partido conservador, sem duvida, e eis a explicação mais completa, mais satisfactoria, da indeclinavel necessidade da ascensão do inelyto Sr. Duque de Caxias á direcção suprema do Ministerio. Nenhum outro eidadão como elle preenchia todas as preeisas eondições; nenhum outro reunia em si tantos elementos para que todos nós, maioria do 7 de Março e antiga dissidencia, o vissemos, eheios de confiança e forças novas, á frente do gabinete que resultava de nossa reconciliação. (*Apoiados.*)

Segunda missão desse gabinete: fazer as eleições. E a esse respeito affirmou o nobre Deputado que se nós conservadores não estivessemos de posse das posições officiaes, teriamos com certeza perdido quasi todas as cadeiras que presentemente oocupamos nesta easa. Aeredito sinceramente nisso, porque, Senhores, com o systema de violencias a que está acostumado o partido liberal quando galga o poder, rarissimos havião de ser aquelles de entre nós que poderião conseguir voltar a oocupar estes lugares. (*Muitos apoiados da maioria e reclamações da opposição.*) Eis a razão por que o chefe do Poder Exeecutivo com elevadissimo criterio entendeu que, sobretudo na applicação da nova lei

eleitoral, era o partido eonservador o mais proprio para dirigir o paiz n'uma época agitada, como é, e muito mais poderia ter sido, o periodo eleitoral. (*Apoiados e diversos apartes.*)

O SR. LEÃO VELLOSO: — O Sr. Gomes de Castro que responda ao nobre Deputado.

(*Ha outros apartes.*)

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Houve evidente boa fé na execução da lei; os factos que eontra ella depoem com mais força são isolados, e a presença aqui de uma poderosa minoria, composta dos homens mais eminentes do partido liberal é a resposta eloquente a todas as accusações. (*Apoiados da maioria.*)

O SR. DUARTE DE AZEVEDO: — E o Sr. Saraiva disse que, salvo o defeito das qualifecações, o Governo desempenhou-se do empenho de honra.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Se o nobre Deputado quizer procurar o vicio radical das eleições, ha de decerto encontra-lo exarado com leal, patriotica e severa franqueza no discurso pronunciado ultimamente na Camara vitalicia pelo Sr. Conselheiro Saraiva. Já foi tambem dito em debate anterior, e com toda a razão, que, se os liberaes não obtiverão triumpho mais assignalado, é que em tempo não tomárão as provideneias devidas e apontadas na lei, e abandonárão as qualificações. (*Apoiados.*)

O SR. CARLOS PEIXOTO: — Houve lugares em que não querião votar, querião sómente supprimir as qualifecações!

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Ainda mais: em muitas provineias, e nomeadamente naquella a que pertence o illustre opposieionista, distincto filho da Bahia, não foi raro o faeto de irem eonservadores levar ás urnas nomes de liberaes, que lhes pareceião com justiça dignos de bem zelar os interesses, não de uma determinada parcialidade politica, mas do Brazil em geral.

O SR. LEÃO VELLOSO: — E *vice-versa*.

O SR. DUARTE DE AZEVEDO: — Prova de tolerancia.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Sr. Presidente, com toda a confiança affirmo, que se os liberaes procederem na applicação da vigente lei eleitoral com tanta lealdade como procedêrão os conservadores, uma numerosa phalange desta feição politica ha de vir aqui representar a verdadeira opinião e as legitimas aspirações do paiz. (*Muitos apoiados da maioria. Cruzão-se apartes.*)

O SR. LEANDRO BEZERRA: — O Sr Silva Nunes foi sempre festejado pelos liberaes da Bahia. (*Ha outros apartes.*)

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — A terceira condição, Srs., que presidio á organisação do Ministerio e que actúa para sua conservação no poder foi e é, segundo o illustre membro da opposição liberal, esperar pela volta de S. M. o Imperador; e a esse respeito fez S. Ex.^a varias e longas considerações, com visós de censura, aerea dos passeios transatlanticos comprehendidos pelo chefe do poder executivo, apresentando, para melhor corroborar-las, um exemplo que me parece perfeitamente contraproducente ao fim que tinha em vista. Elogiou, com effeito, o procedimento do rei Leopoldo, que, sahindo da Belgiea, viajou por diversas terras, para que o povo fosse se acostumando ao regimen estabelecido, de modo que a exclamação habitual e um tanto acrimoniosa *E o rei passeia!* que nestes ultimos tempos o partido liberal costuma trazer a proposito de tudo, no coneito do nobre orador, não tem razão de ser.

O Gabinete 25 de Junho não tem missão limitada (*apoiados*), nem espera pela volta de S. M. o Imperador: vive da confiança da Camara dos Srs. Deputados (*muitos apoiados da maioria*) e está unica e absolutamente sujeito á opinião que se manifeste com franqueza no Parlamento.

O SR. MARCOLINO MOURA: — Que se manifeste..., se fosse possivel manifestar-se.

O SR. DUARTE DE AZEVEDO: — Isso é suppôr o absurdo...

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — O contrario fôra o aniquilamento de nossas instituições.

O SR. CESARIO ALVIM: — Isso é negar uma coisa ao proprio Sr. Duque de Caxias confessa.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Assim, pois, Sr. Presidente, foi o nobre Deputado o proprio que forneceu varias razões para que o Gabinete se constituísse do modo por que se constituiu, mantenha-se firme e continue a dirigir os negocios publicos.

O SR. MELLO REGO: — Enquanto tiver o apoio Parlamento.

O SR. CESARIO ALVIM: — Já dous Ministros queiram sair. (*Apartes.*)

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Tocando nos mais variados assumptos, não podia o digno representante da Província da Bahia esquecer as questões que com tamanha facilidade são aqui trazidas á baila, e enxertadas, com toda sem cerimonia, em qualquer discussao: a questão religiosa e a questão eleitoral.

O nobre orador declarou-se, como aliás se declarou todos os liberaes da Camara, sectario entusiasta da eleição directiva.

O SR. DUARTE DE AZEVEDO: — E' a panacéa.

O SR. LEÃO VELLOSO: — O Sr. Paulino de Souza lhe responda. (*Apartes.*)

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — No paiz, com effeito já manifestado opiniões, umas favoraveis á eleição directiva e outras á indirecta, mais ainda não é conhecido que lado fica a maioria. (*Oh! Oh! da opposição.*) Por quanto nós, que representamos a opinião dominante no paiz, nos pronunciamos em favor da eleição indirecta. (*Oh! Oh! da opposição.*) Portanto, deve-se ter por certo que essa é a opinião mais numerosa no Brazil. (*Apoiados. Não apoiados e apartes.*)

UM SR. DEPUTADO: — A ultima prova foi favoravel á eleição indirecta.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Apoiado. Pelo menos foi este o resultado conhecido das manifestações que se produzirão, quando se discutirão as vantagens da eleição indirecta sobre a directa. (*Apoiados e apartes.*)

Em todo o caso, não houve ainda votação neste recinto que pudesse fazer crêr que o pronunciamento do paiz era em favor da eleição de um só gráo.

O SR. AFFONSO CELSO: — O que significa então a votação que obteve o projecto do Sr. Ferreira Vianna?

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Foi para que entrasse em discussão (*apoiados*), dando-se-lhe as honras, que bem merece, do estudo e reflexão da Camara; mas nunca no sentido de approva-lo de afogadilho.

Nesta questão, Sr. Presidente, ponderarei ao partido liberal que, devendo ser programma seu a ampliação dos direitos do cidadão, tornando-os extensivos ao maior numero possível de individuos, com essa constante propaganda de eleição directa, elle trabalha comtudo para uma reforma de character eminentemente aristocratico (*apoiados e não apoiados*), caso não queira se atirar nos perigos do suffragio universal, isto é, proporcionar ao despotismo de quem quer que seja, governo ou povo, uma arma muito facil de ser manejada (*apartes*), como provou o ultimo dominio napoleonico. (*Apoiados.*)

Sou, Sr. Presidente, partidario conhecido da eleição de dous gráos; mas, se eu vir e me convencer que a nação toda quer indeclinavelmente, e considera indispensavel condição de felicidade e de maior verdade na representação a eleição de um só gráo, acclamada ainda mais essa necessidade por aquelles mesmos que serão esbulhados do direito, de que hoje gozão, de votar, não terei duvida em aceitar esse tão preconizado systema eleitoral, na certeza de que seus resultados não hão de ser tantos e de tal natureza, que a reforma não seja quasi immediatamente reformada.

O SR. LIMA DUARTE: — Póde estar tranquillo que não hade ser.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Assim procedendo e conservando as minhas convicções intimas, busco demonstrar que, se o Parlamento deve, no maior numero dos casos, guiar a opinião publica, em muitas ocaesões é obrigado a receber della imposições, ás vezes caprichosas, mas irresistiveis, para não representarmos de marcos inabalaveis, quando tudo caminhou, embora atropelladamente, em redor de nós.

Clamão, Sr. Presidente, os liberaes quando tem o menor ensejo, contra o poder pessoal, trazendo essa these affeiçoada como ponto obrigado em todos os debates; clamão, e muitas vezes por modo inconveniente, para o prestigio da nossa fórma de governo, e entretanto são elles os proprios que com facilidade appellão para esse poder caso julguem que lhes seja de vantagem a tão fallada e não provada intervenção. (*Apartes e apoiados.*)

Ainda ha poucas semanas, o illustre e sympathico Senador pela Provincia do Rio de Janeiro, uma das primeiras illustrações e legitimas influencias do partido liberal, o Sr. Conselheiro Octaviano, lamentava, por occasião da discussão das eleições do Rio Grande do Norte, que Sua Magestade o Imperador não tivesse estado na direcção dos negocios publicos para impedir a apresentação da candidatura do Sr. Conselheiro Diogo Velho por aquella Provincia.

Haverá, Senhores, mais brilhante prova da necessidade que em determinadas circumstancias o partido liberal acha na interferencia do poder pessoal?

O SR. IGNACIO MARTINS: — E V Ex. o que diz a isso? (*Ha outros apartes.*)

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Não externo a minha opinião, não quero externa-la e nada me obriga a isso nesta occasião. Estou apenas referindo as palavras de um emiunente chefe politico e membro do Parlamento, que,

quando falla, o faz em nome dos sentimentos e principios do seu partido.

(*Apartes.*)

E' porém, tempo, Sr. Presidente, de notar que a discussão de fixação de forças de mar e terra, debate de sua natureza muito especial, costuma servir quasi sempre de base senão de pretexto, para largas explanações de todos os assumptos, menos daquelles que são particularmente indicados na ordem dos trabalhos desta casa.

Assim, para não incorrer em igual eensura, que no meu caso cresceria de gravidade, e apezar de mudar para thema que agrada muito menos á attenção da Camara, não lhe merecendo identico interesse, vou, embora ligeiramente, tocar em questões de feição puramente militar.

Sr. Presidente, a commissão de Marinha e Guerra, de accôrdo com o Governo, julga conveniente propôr alguns additivos ao projecto de lei que se discute agora.

Esses additivos são todos de character economico. Assim, segundo nossa opinião, deverá o Governo ficar autorizado para desde já: (*Lê*)

« Reduzir o deposito de instrueção da Provincia de Santa Catharina a um corpo de duas companhias, commandado por um Major, e a supprimir o deposito de recrutas da Provincia de Pernambuco e o de caçadores a cavallo da da Bahia. »

A idéa da criação e conservação de um deposito de instrueção na capital da Provincia de Santa Catharina é incontestavelmente util...

O SR. BITANCOURT COTRIM: — Apoiado.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — ...visto como, em localidade apropriada pelas suas condições elimatericas e geographicas, tem por fim formar soldados para os diversos corpos do exercito.

Mas, Sr. Presidente, sem dar de mão a esse pensamento previdente, por isto que a lei de fixação de forças é

annua, e pôde em occasião conveniente ser modificada, querendo o nobre Ministro da Guerra e Presidente do Conselho que de seu Ministerio partissem os bons exemplos, julgou acertado e assim tambem entendeu a Commissão, que esse deposito ficasse reduzido a um Corpo de duas companhias.

Apezar dos bons desejos do Governo e do zêlo e continuadas requisições do distinctissimo commandante que possuio e que lhe incutio excellentes principios de disciplina e ordem, o Tenente-Coronel Enéas Galvão, como por mim mesmo verifiquei, nunca pôde o deposito ter o pessoal marcado por lei. Assim, pois, o que sempre alli houve forão simples cascos de companhias, que de balde esperavão pelo completo de suas fileiras.

Reduzindo-o a duas companhias, poderá até ser augmentado o numero de praças de pret, tendo melhor destino os officiaes dos outros batalhões, que até hoje erão lá empregados.

Por considerações tambem economicas e sem prejuizo algum para o serviço publico, serão supprimidos os depositos de recrutas das capitaes das Provincias de Pernambuco e Bahia.

O Governo, Sr. Presidente, vem tambem ante a Camara pedir autorisação para revêr o regulamento do curso de infantaria e cavallaria da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, harmonisando-o com o da Escola Militar desta Côrte, medida que sem duvida alguma representa elevado beneficio feito á mocidade rio-grandense.

O SR. SEVERINO RIBEIRO: — E' uma necessidade.

O SR. FLÔRES: — Ha dous annos que reclamei isso.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — O curso de infantaria e cavallaria compõe-se em ambas as escolas de dous annos, mas no Rio-Grande do Sul os estudos não se achão em pé de igualdade com os do estabelecimento de instrucção da Praia Vermelha. Acontece, pois, que o alumno que naquella

Provincia se tiver distinguido em exames e der bôa conta de si, não pôde presentemente, e segundo os regulamentos vigentes, aspirar completar os cursos de categoria superior, quaes sejam os de artilheria, estado-maior e engenheiros, o que é sem duvida injusto por impedir a completa expansão de intelligencias avidas de saber. Assim, equiparando ambos os cursos, terá o Governo, sempre no dominio conservedor, prestado importantissimo serviço de ordem intellectual e moral á Provincia do Rio-Grande do Sul...

O SR. SEVERINO RIBEIRO: — Apoiado.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — ...e com toda a razão, porque alli existe algum espirito militar.

Tal additivo ha de importar em ligeiro augmento de despeza, mas entendo que todo o dinheiro gasto na educação e direcção da mocidade, na qual está encerrado o futuro da nação, é dinheiro posto a premio e premio muito alto. (*Apoiados.*)

O SR. AFFONSO CELSO: — Qual é a economia do primeiro additivo?

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — A redução nas companhias.

O SR. AFFONSO CELSO: — Em algarismos não a pôde dar?

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Não posso. Supprimem-se tambem companhias em duas Provincias.

Se por um lado avultará um pouco o orçamento da guerra, por outro diminuirá com a transferencia do observatorio astronomico para o Ministerio do Imperio, porque não ha razão para que continue a pesar sobre nós esse estabelecimento, que depende intimamente da Escola Polytechnica. (*Apoiados.*)

UMA VOZ: — E não poderá ser suprimido?

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Respondão a V. Ex.^a as exigencias da sciencia.

A Camara, no entender da commissão, deve ainda au-

torisar o Governo para dar novo regulamento ás colonias e presidios militares. No pé em que se aehão, só ha dispendios sem a esperada eompensação. (*Apoiados.*) O typo da despeza justa é gastar em vista de um determinado resultado, que deve ser eolhido. (*Apoiados.*) A autorisação, pois, dada ao nobre Duque, que tantos serviços de ordem administrativa tem prestado como ministro da guerra nas diversas vezes que occupou essa pasta, ha de trazer proveitosa economia.

Quanto ás colonias, e neste ponto muito tinha que falar, direi que é medida indeclinavel reformar radicalmente o pessoal que é nellas empregado. Os graves vicios hoje arraigados só podem desaparecer quando desaparecerem todos os elementos que recordem épocas de indecente e flagrante abuso, acoroçado por completa impunidade.

Ainda mesmo naquellas em que os commandantes não mereçam tão dura proffigação, nada se faz, nada se adianta. Os nucleos coloniaes não apresentam nenhum progresso e vivem como vivião annos atraz, desde os primeiros tempos de sua creação.

A esse respeito, Sr. Presidente, e para confirmar minha asseveração, peço licença a V Ex.^a para lèr os seguintes trechos do relatorio do meu partiular amigo, o distinctissimo major Dr. Pereira do Lago, leal companheiro da campanha de Mato-Grosso e engenheiro de grande merito, que explorou, nos annos de 1872 a 1874, a zona do Araguaya e Toeantins eom o zelo, proficiencia e inteireza com que desempenha as mais arduas commissões. (*Apoiados.*)

Diz elle:

« Os commandantes e directores, quasi sempre officiaes do exercito reformados, ou em effectivo serviço, e officiaes honorarios, aeeitão essas eommissões eom o fim, salvo rarrissimas e honrosas excepções, de formarem algum peculio.

« Para isto o melhor e mais prompto meio que eneontrão é tornarem-se *taverneiros* e negociarem com as praças,

ficando-lhes nas mãos o soldo que a ellas deveria pertencer.

« Dahi provém a completa negação pela agricultura. Os commandantes não têm plantações, como fôra para desejar e convinha que tivessem (*apoiados*); não se importão com lavouras; não se prendem á terra, arroteando-a; não procurão braços para abrirem caminhos, afim de entreter relações; não obrigam as praças a fazerem roçados e hortas; emfim, de nada cuidão.

« Tudo tambem corre com tão grande deleixo e relaxação, que muitas vezes vai-se a grandes distancias procurar até mesmo farinha de mandioca, para alimentar os proprios colonos, quer militares quer paisanos.

« A falta de trabalho torna o soldado vicioso, e seu soldo é gasto em aguardente comprada na taverna do proprio commandante. Este estado de cousas, deploravel e aviltante, parece vir de longa data, e para que se tenha mantido por tanto tempo tem concorrido, sem duvida, a falta de inspecção das colonias.

« Assim fica o Governo central sem conhecimento da pouca attenção, do nenhum zelo que sem constrangimento manifestão os commandantes e directores das colonias militares.

« De lavoura é do que menos cuidão. »

Depois de palavras tão energicas, que verberão o procedimento insolito desses ou desleaes ou desidiosos servidores do Estado, accréscenta o Dr. Florencio do Lago:

« Apezar dos defeitos, das faltas que aponto com a maior franqueza, me parece que devem ser conservadas taes colonias, ainda que não melhorem ou não possuão desde já melhorar. Ha naquelles sertões uma cousa imprescindivel: é a presença do militar para manter os indios bravios e os mesmos mansos, em respeitosas relações com os brancos. Convém, porém, muito e muito dar nova organização áquelles nueleos coloniases. »

Passando, Sr. Presidente, ao 6.º additivo que apresen-

tamos, basta enuncial-o para delle resaltar sua completa justificação. (*Lé*):

« São isentos do serviço militar os professores publicos. »

Fallou ainda o nobre Deputado que com tanta vantagem me precedeu nesta tribuna, na conveniencia de diminuir o pessoal do exereito.

A este respeito, Srs., conferenciamos com o nobre Sr. Ministro da Guerra, e, em attenção a manifesta e bem entendida aspiração de economia da Camara, chegámos a concordar em que poder-se-ia reduzir de mil praças de pret o effectivo proposto para o exercito. Não podemos, porém, acompanhar os nobres deputados da bancada liberal nos desejos constantes de ver ainda mais diminuida a força publica.

O nobre Deputado por Minas-Geraes, que tanto se distingue pelas suas luzes, pela sua palavra, pelo cuidado com que se entrega ao estudo acurado das cousas publicas (*apoiados*), queria que immediatamente supprimissemos 4,000 homens da proposta. Entretanto, convém prudentemente attentar para a vastidão deste immenso Imperio, para as nossas fronteiras dilatadissimas (*apoiados*), cercadas, quando menos, de indios bravios, que, eomo acaba de ponderar a memoria do Dr. Pereira do Lago, constituem um verdadeiro e incessante perigo para os desgraçados moradores daquellas zonas invias e desprotegidas.

V Ex.^a, Sr. Presidente, póde estar certo que, se na Provincia de Mato-Grosso, na fronteira do Apa, não existisse permanentemente um corpo de cavallaria, ha muito talvez alli houvesse toda a população branea desaparecido ás mãos dos indomitos e perfidos Cadiuéos. Tirariamos de certo sanguinolentas e completas represalias, eomo fazem os Americanos do Norte com os Siús e Pelles-Vermelhas, mas é, sem eontestação, preferivel actuar por meio da força moral e ir euidando de amansar aquelles entes, que tambem são brasileiros. Além disto, sabem todos que cada

Provincia do Imperio deseja ter em seu seio pelo menos um batalhão de tropa de linha. E' isto considerado como um elemento de ordem, como uma garantia de segurança, e mesmo como fonte de consumo, como meio de alimentar e proteger o commercio e a industria local.

O SR. AFFONSO CELSO: — Não é para isso que queremos exercito.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Bem sei, mas é um facto que se dá.

O exercito brasileiro, Srs., é diminutissimo, é insufficiente para o serviço.

O SR. AFFONSO CELSO: — Comparado com o americano e guardada a devida proporção, não é.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Os Americanos do Norte têm 22,000 homens em tempo de paz; territorio menor, e alli a iniciativa municipal toma grande parte na manutenção de corpos de natureza especial, mas que prestão continuo apoio á autoridade.

O SR. AFFONSO CELSO: — Tambem nós temos guardas, policia, etc.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — O exercito brasileiro, aos olhos do homem profissional, não constitue mais do que um nucleo, onde se conservam as boas normas da disciplina e da ordem, e que deve servir de centro para organizações mais completas e regulares, quando o patriotismo da nação, como aconteceu por occasião da campanha do Paraguay, lhe traga elementos novos de força.

Se não attendermos para isto, teremos com as reduções pedidas, de pôr á margem numerosa officialidade, matando-lhes o estimulo, incutindo em todos os militares desanimo que redundará em verdadeiro perigo para o futuro do Brazil.

UMA VOZ: — Por esta regra onde iriamos parar?

(*Ha outros apartes.*)

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Actualmente se acha

o exercito completo, o que serve tambem de valioso elogio á reforma da lei do recrutamento e á administração do nobre Sr. Duque de Caxias. Deu-se extraordinaria affluencia de voluntarios, de maneira que não tem havido necessidade de recorrer ao recrutamento forçado.

Tendo, Sr. Presidente, justificado as medidas que a Commissão propõe, e desalinhadamente respondido ao illustrado orador que me precedeu...

VOZES: — Desalinhadamente, não apoiado.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — ...pretendo agora tocar em questões de character social, questões que podem e hão de poderosamente influir nos destinos do paiz, que aqui estamos representando.

Se desta tribuna, Senhores, cada um de nós tem obrigação de vir com franqueza expôr as razões de apoio ou de formal opposição a um determinado gabinete, cumprindo assim um dever de lealdade para com o throno e para com o povo, tambem nos corre o dever de externar pensamentos e idéas, que, auxiliando o Governo em sua penosa tarefa, concorrão para que tenham solução grandes difficuldades na marcha dos negocios publicos.

Na quadra melindrosa que actualmente atravessa o Brazil, mais do que nunca, acho eu, é de urgencia fallar, fallar em termos e obrar; fallar para avisar, e, se possivel fôr, aconselhar; fallar para, pelo menos, salvar os impulsos da consciencia intima; obrar por meio de leis vastas, de determinações amplas e expedientes completamente novos. (*Apoiados.*) A quadra que atravessa o paiz é melindrosa, como é sempre delicada toda situação em que se confessa um *deficit*, o qual representa, para assim dizer, um desmoronamento em terreno pouco firme a arrastar outros, abrindo-se cada vez mais largo o fosso em que tem de se afundar as melhores intenções e até energica iniciativa, se de promptó não se procurar dar remedio a tão momentoso mal.

O SR. AFFONSO CELSO: — Por isso queremos reduções.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — E', Sr. Presidente, melindrosa a presente situação, porque, além da questão financeira sempre grave, outros e momentosos problemas estão pendentes, pedindo, quando não exigindo, solução, para que o paiz se sinta desembaraçado das pêsas que têm entorpecido seu movimento gradativo, e possa caminhar desassombrado na estrada do progresso que elle tem trilhado, força é confessar, com passo demais demorado e vagaroso.

O SR. AFFONSO CELSO: — De quem a culpa?

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Não é, meu nobre collega, deste ou daquelle Ministerio. E' que até agora ainda não se voltou a attenção publica e da Camara para assumptos da maior importancia em suas consequencias, e que se transformarão em leis aceitas hoje e proclamadas pelas nações mais civilisadas do mundo.

O SR. AFFONSO CELSO: — Quem é o culpado?

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Todos nós; V Ex. tambem, mais do que muitos, pois já estive no poder e para elles não attendeu, preocupado na verdade e debaixo da obsessão de uma difficuldade immensa qual foi a guerra.

O SR. AFFONSO CELSO: — E os que não tiverão guerra, de que se occuparão?

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Respondão elles a V.Ex.

O SR. CESARIO ALVIM: — E' que temos tido alguns Ministros que não devião estar no poder.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Sr. Presidente, é costume repetirmos todos nós e com verdadeiro movimento de orgulho que o Brazil é uma nação nova, formada ha poucos lustros, uma nação criança; mas é uma nação que tem gozado durante larguissimos annos dos beneficios de profunda paz interna; é paiz que póde aproveitar a experiencia dos outros povos (*apoiados*); é paiz que deveria, graças ao seculo em que se constituiu, assumir posição eminente entre as nações (*apoiados*); tendo sobretudo em

seu seio elementos incalculaveis de grandeza e prosperidade. O Brazil, Senhores, como nação, póde ser comparado com um navegante que encontrou os máis terriveis parceiros assignalados, e achou collocados os mais importantes pharóes para sua rota certa e desimpedida.

O SR. CESARIO ALVIM. — Mas não tem tido bons pilotos.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Na questão de colonisação temos o exemplo dos Estados-Unidos, que tão bem soube encaminhar o problema á sua solução, ao passo que nós nelle temos marchado sempre mal e inconsideradamente.

O SR. AFFONSO CELSO: — Como V Ex. observou em Santa Catharina, escrevendo magnificos trechos em seu relatorio.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Acredito piamente que na nossa indole, nas nossas instituições e nos nossos costumes, achariamos correctivo para os males que se originarão na grande Confederação Americana, quando se formou dos matizes de todos os povos do mundo.

Na questão da colonisação todos os nossos homens de estado têm errado.

O SR. AFFONSO CELSO dá um aparte,

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — A colonisação tem sido dirigida por todos os ministerios, passados e presentes, do modo o mais absurdo; tem só servido para descredito do paiz e para desbarato de milhares e milhares de contos de réis. (*Apoiados.*) Mas V Ex. quer saber onde se acha o mal? E' principalmente no espirito da população.

O SR. CESARIO ALVIM: — Não apoiado. Demos mais garantias ao estrangeiro, que elle virá para cá.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Os Estados-Unidos e Platinos são sem duvida centros de grande attracção, mas nós nos temos tornado completamente antipathicos, de maneira a provocar, e não por culpa deste ou daquelle ga-

binete, essas medidas restrictivas e vexatorias, que os governos europeus têm imposto á emigração com destino ás nossas plagas.

V Ex., porém, quer saber onde está o mal, Sr. Conselheiro Celso? Attenda para o que se passa nos nucleos coloniaes, que, á custa de muito esforço e sobretudo a poder de muito dinheiro, se têm formado na Provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul. Apenas se emancipão, e quando deverião entrar no gremio da communhão geral, tornão-se centros de character exclusivamente europeu, verdadeira encravação de territorio estrangeiro em terras brasileiras (*apoiados*), e a causa está na indifferença e quasi repulsão que sentem os mais antigos colonos estabelecidos no Brazil em se naturalisarem cidadãos brasileiros.

O SR. CESARIO ALVIM: — Sim, porque tem apenas onus sem regalia.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY; — [O Governo ha feito alguma cousa no sentido de facilitar as naturalisações, mas ainda não cahio a ingente barreira que tem impedido a identificação do Brazil com os filhos de outros paizes, que aqui vêm buscar uma nova patria. (*Apoiados; muito bem.*)

Essa barreira só hade alluir-se aos golpes de uma grande cruzada, que se levante no seio desta generosa nação (*apoiados; muito bem*), hasteando, como sagradas bandeiras, as idéas da grande naturalisação (*apoiados*), casamento civil (*apoiados*), liberdade de cultos e todas essas medidas largas, e adiantadas, aceitas pelos povos mais civilizados do mundo, e que se o tempo não impuzer pelo menos a este paiz, é que seu destino tem de certo muito curta limitação. (*Apoiados; muito bem; muito bem.*)

A idéa da grande naturalisação é hoje considerada pelos maiores pensadores do mundo, não já como medida politica de elevadas consequencias moraes e materiaes, mas, como dever de reciprocidade entre as nações. (*Apoiados; muito bem.*)

O eminente Rouher a define *a fôrma mais perfeita da hospitalidade moderna*, e quando a Inglaterra, tão eiosa das prerrogativas de seus filhos, a abraça em toda a sua integridade, acha-se o Brazil inhibido até de pensar nessa generosa e fecunda medida. (*Apoiados e apartes.*)

Hoje, Sr. Presidente, que na Europa o systema de paz armada tomou tamanha amplidão que estão ameaçados o respeito e a tranquillidade que requerem as sciencias, as artes e industrias, nenhum homem illustre, nenhum Agassiz, nenhum Erickson, nenhum Malte-Brun, poderá pensar em adoptar o Brazil por patria (*apoiados*); porque, se de certo encontra aqui todos os requisitos de socego, se se vê rodeado das magnificencias da natureza (*apoiados*), em compensação achar-se-ha no seio da nossa sociedade civil e politica, n'um pé de dolorosa inferioridade (*apoiados*), assignalada no nosso codigo fundamental. (*Repetidos apoiados; muito bem.*)

O SR. LEANDRO BEZERRA: — Começou tão bem e agora vai tão mal! (*Hilaridade.*)

O SR. DANTAS: — Ha dez minutos que o estamos apoiando com ardor. (*Apoiados da opposição.*)

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Com as provideneias tomadas pelos Estados-Unidos e Platinos, elles não conseguirão e conseguem só braços e actividade corporal, não; chamarão a si illustrações, intelligeneias formadas, homens eminentes, que levárão e levão como contingente áquelles paizes um cabedal enorme de experiencia e de conhecimentos. (*Apoiados.*)

Entre nós o que se vê? Lá o estrangeiro sente-se a eommodo, realiza o *ubi bene ibi patria*, principio que qualquer constrangimento de ordem moral ou material modifica de modo sensivel, e esse constrangimento existe no Brasil, vivaz e constante.

Vou, Sr. Presidente, apresentar a esta casa um exemplo da mais elevada significação.

V. Ex.^a conhece e toda a Camara deve conhecer, pelo menos de nome, o illustre Sr. Augusto Leverger, hoje Barão de Melgaço. Este cidadão, filho da França, e residente ha mais de 45 annos no Brazil, foi pelo Governo Imperial e pela natureza dos misteres de sua profissão, mandado á Provincia de Mato-Grosso, onde se estabeleceu, ganhando honrosa nomeada não só pela dedicação ao paiz que procurára, como pelos seus multiplicados trabalhos scientificos. Chegou a graduado posto na marinha nacional, e tem por varias vezes presidido com applauso de toda a população aquella nobre e longinqua Provincia,

Houve, porém, uma occasião, Sr. Presidente, em que os serviços desse eminente cidadão, tomárão taes proporções, que não ha voz bastante eloquente para devidamente narra-los.

V. Ex.^a sabe quão temerosa foi a invasão paraguaya em Mato-Grosso. Os inimigos atacárão a Provincia por agua e por terra; apoderárão-se muito folgadamente, com excepção apenas de Coimbra, onde houve honrosa resistencia, de todas as posições assentes á margem direita e esquerda do rio Paraguay e de todo o districto de Miranda, e marchárão sobre a capital. A população aterrada, sem direcção, completamente hallucinada, tratava de em massa abandonar a cidade, quando o Sr. Leverger, alquebrado pelos annos, alquebrado pelas enfermidades, apresentou-se unico para iniciar e dirigir a resistencia. Houve então uma inversão completa no espirito publico; todos cobráráo coragem, todos se reanimárão, e o velho Leverger, no meio de patrioticas ovações e de immenso enthusiasmo, partio a occupar o ponto de Melgaço e fazer frente ao inimigo.

Posso, Sr. Presidente, afoutamente affirmar que a iniciativa desse homem naquella conjunctura fez vezes de um poderoso exercito, que se levantasse pera pôr peito á nefanda invasão e barreira á conquista paraguaya.

Pois bem, esse homem, que salvou a dignidade do

Imperio, que resguardou a honra daquella Provincia, que impediu o estrago de milhares e milhares de propriedades publicas e partieulares; esse homem, que gastou quasi 50 annos de sua vida a estudar e explorar o immenso territorio em que exereitava a sua aetividade; esse homem, Sr. Presidente, popularissimo em todo o Mato-Grosso até nas eabildas dos indios, não é ainda julgado digno pela lei brazileira de ter aqui entre nós uma cadeira, elle que, mais do que ninguem, poderia eselareeer nossos debates, advogar com pleno conhecimento de causa os interesses da Provincia que tanto extremeee, elle que poderia illuminar-nos com sua immensa experiencia dos homens e das eousas. (*Sensação.*) E' ou não injustiça flagrante da nossa lei?!

Não acredito, Srs., que haja imprudencia nem inoppor-tunidade em fallar tão sem rebuço a verdade; devemos dizê-la ao paiz, cada um eom as forças de que dispõe; se houver repercussão favoravel na opinião publica, é que chegou o momento de tomar medidas no sentido determinado, conveniente.

Quando, Sr. Presidente, passei pelo Rio da Prata vi com admiração a identificação perfeita do estrangeiro com os interesses aquelles paizes; elle trata logo de aprender o hespanhol, diseute a vantagem dos governos de Sarmiento, de Mitre, Avellaneda, esquece-se de Thiers, Mac-Mahon, Bismark, Gortschakoff e outras entidades culminantes da vida européa.

Que vemos, porém, entre nós? Os individuos das diversas naeionalidades formando o que chamam eolonias, e ao passo que influem poderosamente nos nossos negocios internos pelo dinheiro que conseguem eom seu trabalho e pelas idéas que trouxerão da Europa, terem os olhos voltados sempre para a querida metropole. (*Apartes.*)

O SR. DANTAS: — Está fallando perfeitamente bem.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Um exemplo frisante, e direi até doloroso, é o da colonia portugueza, raça de

que emana a massa da nação, e da qual tanto nos aproximamos pela conformidade de vistas, pela religião e pelos costumes. Entretanto, para ella tambem, e talvez ainda de modo mais accentuado, ha essa linha de separação com a população nacional.

Eu quizéra, Sr. Presidente, que todos nós meditássemos, ou melhor, considerando que sou individualidade demasiado insignificante (*não apoiados*), eu quizéra que os homens de estado que temos começassem a meditar em todas essas ponderosas questões; apreciássem todas essas anomalias, iniciando uma serie de medidas que déssem a este enorme Imperio, tão necessitado de gente e de trabalho, não só braços mas tambem cabeças, idéa que já começa, felizmente, apesar do meticoloso e inconsiderado brazileirismo, a merecer alguma attenção e decididas sympathias. (*Apartes.*)

UM SR. DEPUTADO: — Proponha a reforma da constituição.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Não vamos de chofre, meu nobre collega; é preciso começar; é preciso aventar a questão, atira-la á tela do debate, provocar o concurso dos grandes oradores, que, incitados pela agitação do espirito publico, deverão levar por diante essas indeclinaveis medidas, sumindo-se então a fraca voz que ousou tomar a iniciativa. (*Apartes.*)

O SR. LEANDRO BEZERRA: — Não é idéa nova. (*Ha outros apartes.*)

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Esta questão de braços deve, de hoje em diante, ser para nós um continuo pesadelo. Sob dous pontos de vista podemos consideral-a — utilização e introdução.

V. Ex. sabe que o interior do Brazil é muito povoado, mas a população está afeita aos habitos da mais completa e enervante indolencia e só ha um meio de arranca-la desse pernicioso estado, é pela educação e instrução. (*Apoiados.*)

O typo primordial do brazileiro — o indio — é a anti-

these perfeita da actividade. Só urgido pela fome é que sahe da rêde em que se embala para colher alguns alimentos que a natureza lhe proporeiona com mão demasiado prodiga.

Quem viaja pelo interior das Provincias vê factos quasi identicos sob um ligeiro verniz de eivilisação. Durante as horas mais quentes do dia estão os homens deitados á sombra das arvores, ou em suas casas mettidos nas redes, durando tão prejudicial sésta, que prolongão a gosto, o dia quasi inteiro sem fazerem nada e, quando muito, a tocarem viola. Ha, dissemos já, um unico meio de arrancar essa população, numerosa, Srs., muito mais do que geralmente se suppõe, dessa molleza congenial—é a instrucção, a educação.

O Governo, Sr. Presidente, desde o Ministerio de que V Ex. tão dignamente fez parte, tem tomado providencias no sentido de diffundir esse elemento modificador da população.

Mas, se muita cousa se tem feito, muito ha ainda por fazer.

A questão de braços, repito, deve ser para todos nós um pesadelo. Com elle vive nossa lavoura ha muito tempo. Seu estado actual é incommodativo, afflictivo até, embora preferivel á apathia e fatalismo em que viviamos, até que a lei de 28 de Setembro raiou como aurora de novos dias, lei que constitue o padrão de gloria do Gabinete 7 de Março, entre tantos serviços que prestou á nação e que hoje pertencem á apreeiação da historia, sem que haja possibilidade de risca-los de nossa legislação. (*Apoiados.*)

Essa lei, quer queirão quer não, gravou com earakteres indeleveis no livro da posteridade o nome do benemerito Sr. Visconde do Rio-Branco; pois, a não serem os esforços daquella poderosa intelligencia, aquelles effluvios da verdadeira eloqueneia parlamentar, teria cahido no seio desta Camara e não vigoraria ainda no Brazil. (*Apoiados.*)

Sr. Presidente, se só com a utilização dos braços nacionaes fosse possível solver as difficuldades, que já se nos apresentam graves, gravissimas, não haveria necessidade de modificar disposições terminantes e positivas de nosso código fundamental; mas como, sem colonisação expontanea, sem essa corrente de immigrants que se escoarão nos Estados-Unidos, não poderemos talvez caminhar com algum desembaraço, mais ou menos tarde hade o Parlamento ser obrigado a retocar artigos da Constituição que, contendo disposições tacanhas e anachronicas (*apoiados*), só e justamente aceitaveis no tempo em que ella foi formulada, precisão de reforma, por isso que apenas dão a pequena naturalisação, e nos trazem em troca milhares de contrariedades e antipathias. (*Apoiados*.)

O SR. FRANCO DE SÁ: — Nestas questões penso que V Ex. não é conservador.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Nestas e outras questões quero, antes de tudo, ser brasileiro. (*Apoiados*.) Não são idéas deste ou daquelle partido; pertencem a todos que aspirão vêr o Brazil caminhar com passo firme em sua marcha ascensional. Julgo que todos devemos procurar na pyra do patriotismo o fogo sagrado, para defender com valôr, e fazer prevalecer quantas idéas sirvão para aquelle fim, buscando na experiencia de outros paizes a razão de nosso procedimento.

O SR. FRANCO DE SÁ: — Está fallando muito bem, porém defendendo idéas liberaes.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Protesto contra a asserção que amesquinha essas aspirações. Alem disto não as vejo em programma nenhum do partido a que pertence o nobre Deputado.

Porventura, continuando eu, o casamento civil modificou a qualidade de catholicissima que tem a Austria e de christianissima que cabe á França? E não existe na lei daquelles paizes, com applauso de todos e para faci-

lidade de relações entre todas as religiões, o preceito do casamento civil?

O nobre Deputado que me precedeu na tribuna, quiz obrigar o distincto Sr. Ministro do Imperio a declarar como considerava uns casamentos intitulados civis e de que falla hoje o *Jornal do Commercio*, casamentos arranjados de momento e á vista dos embaraços levantados pelo clero.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA: — Uma mascarada.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Para mim, partidista declarado do casamento civil, considero comtudo as ligações a que alludo como verdadeiros concubinatos, e pensarei assim, emquanto não houver lei do paiz que as autorise.

Sr. Presidente, para prepararmos o Brazil a receber a grande, a legitima colonisação, deveríamos tambem tratar da applicação do imposto territorial, medida de que se occupa o relatorio do nobre Ministro da Fazenda...

UMA VOZ: — Mais impostos ainda?

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — ...imposto que vá ferir a grande propriedade em superficie, e proteja a pequena lavoura.

O SR. FRANCO DE SÁ: — A propriedade agricola já está muito onerada.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Mas a grande propriedade constitue um verdadeiro obice á pequena agricultura e á divisão de territorio.

No valle do Amazonas, Sr. Presidente, ha posses particulares extensissimas, que o tornão o menos povoado do mundo, apezar de ser um dos mais bem dotados pela natureza, e capaz de constituir uma zona feliz, riquissima e populosa. (*Apoiados e apartes.*)

Esses abusos de propriedade só poderão ser cerceados pelo tributo, e vou apresentar um exemplo do que aconteceu commigo quando, ultimamente dirigi a Provincia de Santa Catharina. Retive no meu gabinete alguns autos de revalidações de posses, á vista de representações de muitas

e muitas centenas de famílias que se tinham allí estabelecido como intrusas, e que serão lançadas para o meio das estradas, se houvesse reconhecimento do direito dos posseiros. No nosso Brazil ha muita terra, mas infelizmente ha muitas questões de terras. (*Apoiados.*)

Tenho, Sr. Presidente, occupado importunamente a attenção da casa... (*não apoiados*)

O SR. DANTAS: — Tem fallado brilhantemente na ultima parte.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — ...mas, se assim fiz, foi por estar convencido da magnitude e grandeza das medidas que perfunteramente hei apontado. Se eu dispuzesse de dotes oratorios, como muitos distinctos parlamentares d'esta casa, se eu tivesse a magia da palavra, confiadamente tomava essas reformas para alvo unico de minha carreira politica, certo de que, como o illustre Cobden em outra especialidade, no fim de alguns annos de esforços, conseguiria os applausos e as sympathias da nação brasileira.

Aeudirei agora, Srs., ao appello que nos fez o nobre Ministro da Fazenda, no sentido de propôr providencias que possam, se não fazer desaparecer, pelo menos minorar os terrores oriundos do *deficit*.

Entre essas providencias apontarei a conveniencia de reduzir de 3 a 5 % os vencimentos de todos os funcionarios publicos (*não apoiados*), começando nós por lançar o tributo de 10 % no subsidio dos Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação.

UMA VOZ: — Vá por ahi.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Sei que a medida é vexatoria e onerosa; mas os empregados publicos devem penetrar-se desta grande verdade: que o dinheiro com que são pagos os servidores do Estado sabe quasi todo da agricultura, a qual vê todos os dias diminuir os seus meios de acção, está rodeada de milhares de difficuldades, e dia

e noite vive debaixo da influencia de sinistras apprehensões.
(*Apoiados e diversos apartes.*)

Sr. Presidente, não eonsultei o Gabinete a este respeito, mas tenho tenção de apresentar o projecto por occasião da diseussão do orçamento. Limitando o prazo de redução a um ou dous annos, conseguiremos não pequena diminuição nos orçamentos, dando todos nós ao mesmo tempo uma prova inequivoca da eonsideração que nos mereee o estado da nossa desfallecida agrieultura.

V Ex. sabe, Sr. Presidente, que em 1796 o Parlamento inglez, por indieação do eminente Pitt, votou quasi por unanimidade, com exeepção talvez de 2 ou 3 votos, a lei do *income tax*, que gravava de 5 % os rendimentos de diversas categorias.

Esse imposto foi duplieado em 1806 e só supprimido em 1816.

Em 1842 Sir Robert Peel o restabeleceu eom limitação até 1845, mas desde então tem continuado a ser eobrado, porque é considerado como um dos impostos mais razoaveis, pareeendo a Stuart Mill o mais aceitavel, debaixo do ponto de vista da justiça.

V. Ex. sabe tambem que a lei de *income tax* eneerra cineo ordens de renda e que na quinta está comprehendida a elasse geral dos funceionarios publicos.

Nós, depois da guerra do Paraguay, possuimo-nos de um desvanecimento um tanto imprudente; augmentarão-se e muito, relativamente ás forças dos nossos orçamentos, os ordenados dos empregados publicos (*apoiados*); a nação toda deixou-se levar por uma agitação febril, de earakter norte-americano, que já produzio perniciosos resultados. Antes da guerra havia exagerados receios de se gastar, depois houve verdadeira prodigalidade.

O SR. CESARIO ALVIM: — Antes e depois da guerra quem forão os culpados?

(*Trocão-se apartes.*)

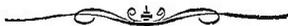
O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Actualmente, Srs., precisamos marchar com muita prudencia. Por isto entendo que a resolução que proponho é de efficacia para darmos todos exemplo desse desejo, de que se devem achar possuidos os brasileiros, de vêr em uma verdadeira época de transição, como é esta, restabelecido o almejado equilibrio entre a receita e a despeza.

Sr. Presidente, como a hora se adianta, vou concluir, declarando que, se proponho esta medida de redução, natural e justamente impopular, é porque desejo vêr caminhar com patrionismo e franqueza o Gabinete 25 de Junho, a quem presto o meu apoio, por ver á sua frente o homem que mais exemplos de civismo tem dado a todos nós (*muitos apoiados*); o brasileiro que mais tem concorrido para a grandeza e integridade do Imperio (*apoiados*); o homem que entre nós mais illustrou e illustra o seu nome, o nome de Duque de Caxias.

VOZES GERAES: — Muito bem! Muito bem!

O SR. DANTAS: — Muito bem, pela parte liberal. (*Apoiados da opposição.*)

(*Muitos Srs. Deputados felicitão o orador.*)



DISCURSO

PROFERIDO NA

SESSÃO DE 14 DE MAIO DE 1877. (*)



O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Sr. Presidente, dou graças á fortuna ter podido comparecer á sessão do dia 2 do corrente mez, afim de procurar pôr embargos á facilidade com que a Provincia de Minas-Geraes, por meio de seus dignos e numerosos representantes, tenta chamar a si a posse de uma nesga não insignificante do já tão retalhado territorio da Provincia de Goyaz, cujos interesses e direitos tenho aqui o dever de advogar e defender.

Antes, porém, de entrar no exame da materia em debate, eumpre-me dar uma explicação ao nobre deputado por Minas-Geraes, que nesta questão oocupou a tribuna, sobre um aparte meu que pareceu magoar sinceramente a S. Ex.^a. Suppondo eu que esse nobre orador buscava estabelecer uma ligação impertinente e forçada entre o projecto em discussão e a analyse de questões importantissimas que forão aqui motivo de um discurso por mim proferido, discurso que tem sido bastante commentado em sentido favoravel e desfavoravel, não pude deixar de observar a S. Ex.^a que havia inoportunidade, sofreguidão, e repetirei mesmo leviandade, em proeurar discutir simultaneamente e de mistura assumptos tão disparatados e diversos.

(*) O orador respondia a um discurso do Sr. deputado Diogo de Vasconcellos sobre limites da Provincias de Minas-Geraes e Goyaz.

O SR. PRESIDENTE: — O nobre deputado talvez não se recorde, mas eu devo lhe lembrar, que o que se acha em discussão é o requerimento de adiamento.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Estou respondendo ao discurso do nobre deputado que me precedeu; tenho portanto de acompanhá-lo tópico por tópico.

Não me passou pela mente nem de leve offender o melindre daquelle distincto representante. O que procurei tão sómente fazer, foi chama-lo ao terreno limitado da presente controversia, observando-lhe que convinha deixar o debate daquellas graves theses para uma discussão á parte, larga e desenvolvida, theses a que S. Ex.^a, como era natural, se mostrou logo infenso, mas tambem ás quaes ninguém poderá recusar as honras de mais reflectida e demorada consideração. (*Apoiados.*)

Agora, Sr. Presidente, seja-me permittido por meu turno estranhar áquelle nobre orador o epitheto que buscou sobre mim lançar de cosmopolita com tendencias até socialistas.

Eu, Sr. Presidente, não disse, como se propalou, nem fôra capaz de dizer, que o nobre deputado ignorava geographia, e ainda mais chorographia de sua provincia natal; mas o que posso talvez affirmar com alguma segurança é que S. Ex.^a ainda não pensou maduramente na questão da grande naturalisação, nem a estudou com a devida calma e reflexão.

O SR. PRESIDENTE: — Peço licença ao nobre deputado para rogar-lhe que se cinja á materia em discussão.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Obedecerei sempre com todo o respeito a V. Ex.^a, mas tenho que responder *pari passu* a todas as observações que fez áquelle nobre deputado e contestar as suas interpretações por vezes pouco amigaveis a meu respeito.

Se, Sr. Presidente, externo juizo um tanto arriscado, é pela confusão que o nobre orador fez entre as idéas de grande naturalisação e as aspirações cosmopolitas.

Com effeito, me abalão, assim como abalarão ao eminente Terencio e devem abalar a qualquer homem de instinctos generosos e reflectidos, os factos que interessão a humanidade em geral, mas dahi á utopia do cosmopolitismo que engendrou a imaginação de S. Ex.^a, exaltada sem duvida pelas praticas rigorosas e asceticas da vida de devoção que leva, dahi a essa utopia ha uma grande distancia. (*Muitos apoiados.*)

Amo, Sr. Presidente, como bom brasileiro, a minha patria, mas por isto mesmo é que procuro incessantemente pensar em todos os meios que possão engrandecê-la e dar-lhe posição vantajosa no mundo civilizado. (*Apoiados.*)

Não será por certo com idéas acanhadas de tacanho brazileirismo (*apoiados*), cujas exagerações ainda ha pouco produzirão as indignas e horrorosas scenas occorridas na Provincia do Pará (*apartes e apoiados*), não será com esses sentimentos que havemos de chegar ao resultado desejado. (*Apoiados.*)

S. Ex. fallou em nome do seu velho Brazil,... pois bem, fique-se com elle, o Brazil do papelorio, do patronato e da rotina (*apoiados*); eu procurarei seguir com o novo Brazil ao encontro dos grandes principles, que ja vão abrindo caminho na nossa sociedade e que afinal hão de ser impostos ao Parlamento, se daqui não partir a almejada iniciativa. (*Apoiados; muitos apartes.*)

O SR. IGNACIO MARTINS:—Estou ouvindo um liberal.

O SR. CARDOSO DE MENEZES:—Qual liberal!

(*Ha outros apartes.*)

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:— Sr. Presidente, o temor do estrangeirismo que a idéa da grande naturalisação bate radicalmente, o receio da adopção do casamento civil, da liberdade de cultos, do respeito igual para todas as religiões, hão de infallivelmente desaparecer. (*Apoiados e não apoiados; apartes.*)

O SR. PINTO DE CAMPOS:—Em um paiz de unidade re-

ligiosa seria um erro, uma calamidade admittir a pluralidade de religiões, porque era o mesmo que não ter nenhuma. (*Apoiados e não apoiados.*)

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—O que não padece duvida é que o paiz se acha em verdadeiro estado morbido, claramente assignalado por um desgosto geral, um mal estar commum a todos. (*Apoiados.*)

O SR. PINTO DE CAMPOS.—Isto não se diz só aqui, diz-se em toda a parte: hoje é moda afeiar-se o estado das cousas de uma nação.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—Há visivel incommodo moral e, o que peor é, descrença nos homens politicos de ambos os partidos. (*Apoiados.*)

O SR. PRESIDENTE:—Peço ao nobre deputado que se restrinja á materia.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—Estou, como V Ex. e a Camara vêem, seguindo passo a passo o orador que me precedeu e que não foi interrompido. (*Apoiados.*)

O SR. CARLOS PEIXOTO:—O orador referio-se incidentemente a estes pontos.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—No estado innegavel de esmorecimento geral, manifesta-se como que a necessidade de achar um responsavel, e nessa indagação muitos não duvidão atirar todas as culpas sobre a entidade politica que pela nossa Constituição justamente goza dos fóros de irresponsavel. Uns a compárão com o jardineiro que apara, torce e martyriza as arvores de uma alameda do jardim botânico, alameda que, como muito bem observou o Sr. Conselheiro Zacarias, não existe senão na imaginação de quem nella fallou; outros a chamão o invisivel; outros a amesquinhão, dando-lhe posição de chefe de partido. (*Apartes.*)

Sr. Presidente, a descrença existe funda, mas provém unicamente da convicção intima que todos têm, de que este paiz marcha lenta e mancamente, quando deveria caminhar com rapidez e desassombro. (*Apoiados e não apoiados.*) Não

estamos ainda nem sequer nas condições do *homo robustus puer*. Só nos cabe a fragilidade da meninice. Quando poderíamos ter os movimentos desimpedidos, vivemos presos n'um circulo acanhado de pequenas idéas. D'ahi o desanimo e a incerteza do futuro. Já é tempo, Senhores, mais que tempo recebermos o abalo salutar que deve transformar esta nação, abalo oriundo, senão da applicação immediata de todos os grandes principios que collocarão os Estados-Unidos entre as primeiras potencias do globo, pelo menos da agitação dessas idéas, de seu cuidadoso estudo, da discussão das vantagens que delles emanão, ou dos inconvenientes que possam produzir. (*Apoiados.*)

O SR. DANTAS:—Muito bem!

UMA VOZ:—Discussão perigosa. (*Oh! oh!*)

O SR. GUSMÃO LOBO:—Mandar buscar estrangeiros para nos governar... Não é de conservador!

O SR. ESCRANOLLE TAUNAY:—Quem disse isto?... Ouçame V. Ex., porque vai ao encontro da declaração que eu pretendia fazer. Pronunciando-me assim com toda a franqueza, como me hei de em qualquer ocasião pronunciar, não me arredo das fileiras conservadoras, sob cujas gloriosas bandeiras na minha vida politica procurarei sempre militar com fidelidade.

O SR. GUSMÃO LOBO:—As idéas de V. Ex. não são de conservador, nem de liberal, são de radical. (*Apoiados e não apoiados.*)

(*Ha grande numero de apartes.*)

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—Vou immediatamente responder aos nobres deputados.

Primeiro que tudo, Sr. Presidente, não quero reformas apressadas, alcançadas de chofre e simultaneamente; já disse, quero a discussão, a consideração desses assumptos, dignos sem duvida da attenção dos mais illustrados parlametos: quero a propaganda prévia, a apreciação da oppor-tunidade e das circumstancias do paiz. Desejo que se con-

sigão victorias com o auxilio da opinião da maioria da nação e não se imponhão imprudentemente medidas de tanto alcance social, sem a preparação indispensavel do espirito publico. Mas, Sr. Presidente, é incontestavel que para conservar é preciso renovar incessantemente; renovação radical, embora insensivel, de que usa para a conservação da vida a cada passo a natureza; em tudo, sem exclusão da politica, nossa grande mestra. (*Apoiados, muito bem e apartes.*)

Como pôde a illustre minoria liberal pretender que essas grandes idéas, de character meramente social (*apoiados*), pertença ao seu partido?

Porventura vejo alguma dellas inscripta no programma das aspirações daquella valente bancada?

(*Apartes; susurro.*)

O SR. PRESIDENTE:—Peço aos nobres deputados que não interrompão o orador. Rogo a V. Ex. que se cinja o mais possivel á materia em discussão.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—Daqui a dous momentos satisfaço a V. Ex.

Sr. Presidente, a unica aspiração manifestada clara e até ardentemente pelo partido liberal hoje é a eleição directa; entretanto quanto mais penso no assumpto, quanto mais o estudo, menos enthusiasmo me incute essa medida que considero, aliás, méro accessorio.

O SR. GUSMÃO LOBO:—Nesta parte muito apoiado.

(*Ha outros apartes.*)

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—Ainda ha poucos dias consultando as obras de Tocqueville, o conceituado publicista que tanto reflectio sobre a grandeza e o futuro das instituições americanas, achei as seguintes e judiciosas palavras que, com licença de V. Ex. e da Camara, vou reproduzir.

Diz Tocqueville:

« E' facil perceber no futuro o momento em que as republicas americanas scrão *obrigadas* a multiplicar os *dous*

grãos no seu systema eleitoral, sob pena de se perderem desgraçadamente nos escolhos da democracia.

« Não ponho duvida em confessar; vejo no *duplo gráo eleitoral o unico* meio de collocar o uso da liberdade politica ao alcance de todas as classes do povo. Os que buscão tornar esse meio arma exclusiva de um partido e os que delle se arreceião cahem, a meu vêr, em erro identico. »

Não se póde ser mais positivo, e a opinião pesa duplamente, partida de quem é, do admirador enthusiasta da democracia em todas as suas manifestações.

Mais ou menos tarde, Senhores, havemos de chegar a um ponto em que os homens de coragem e boa vontade se hão de unir intimamente para, de commum accôrdo, estudarem a causa reale verdadeira dos males materiaes e moraes que, se não acabrunhão nossa patria, pelo menos impedem o desenvolvimento e o progresso, de que é de certo digna. Tenho plena convicção de que não acharemos como motivo desses males o tão fallado poder pessoal, poder que não existe e que serve de thema para discussões inconvenientes aos interesses nacionaes, visto como pódem concorrer para o desprestigio da monarchia, sem a qual, de accôrdo com o illustre Snr. Barão de Cotegipe, não comprehendendo Brazil forte, unido e grande. (*Apoiados e muitos apartes.*)

(*O orador entra no estudo da materia em discussão.*)



DISCURSO

PROFERIDO NA

Sessão de 17 de Setembro de 1877

POR OCCASIÃO

da discussão do projecto de fixação da força de terra. (*)



O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:— Sr. Presidente, V Ex.^{as} e a Camara hão de consentir que, ao subir eu a esta tribuna, deixe de lado as questões de especialidade que no presente debate se devem discutir e elucidar, e me aproveite da latitude que nos permite o regimento, occupando-se os oradores com assumptos de politica geral e de esphera mais ampla.

A razão deste modo de proceder está na inscripção a que me obrigava a qualidade de opposicionista, ao passo que toda a minha inclinação fôra empregar sinceros esforços na sustentação e defesa dos actos da administração do illustre e actual ministro da Guerra, o Sr. Duque de Caxias.

Com effeito, Sr. Presidente, ao chefe mais prestigioso do meu partido (*apoiados*), tão cheio de prestigio que o seu nome é a égide unica, mas égide invulneravel, de um ministerio hoje gasto e imprestavel (*apoiados da opposição*); ao eminente general carregado de serviços e que em si resume a historia militar da Nação Brasileira (*apoiados*),

(*) O orador pronunciára-se em opposição ao gabinete na Sessão de 11 de Junho de 1877.

não posso deixar de tributar a mais profunda veneração como homem de guerra e de partido (*apoiados; muito bem*); assombrado de um facto—ser o valor de sua individualidade de tal quilate que ainda não soffreu quebra, embora envolvida n'uma ordem de cousas politicas verdadeiramente detestavel. (*Apoiados e não apoiados.*)

O SR. COELHO RODRIGUES: — E' a bandeira que cobre a carga.

(*Ha outros apartes.*)

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — De facto, no meio do naufragio completo das esperanças dos melhores amigos do gabinete 25 de Junho, no meio da descrença geral que inspirão os nossos maiores vultos politicos, com rarissimas excepções, achando-se a nação n'um estado cataleptico em que vê e sente grandes desgraças moraes e materiaes, sem comtudo poder reagir ou pelo menos protestar, ainda apparece o venerando Duque como um typo nobre que sabe alliar a lealdade e pureza de intenções ao desejo de bem servir á patria até o ultimo sôpro da existencia. (*Apoiados.*)

Deixando, pois, á margem, por tão ponderosos motivos, as questões de character meramente militar, e no desenvolvimento do programma de idéas, que applaudi sem constrangimento desde que entrei nesta casa, e accentuei em discurso proferido no principio desta legislatura, vou tratar de assumptos de elevada significação, e que no meu conceito entendem immediatamente com o futuro, a prosperidade e a grandezza do Brazil.

Se é licito, Senhores, como diz o proverbio latino, das cousas grandes tirar termo de comparação para as pequenas, eu, para explicar melhor a minha posição e escudar a liberdade de minhas opiniões, lembrarei, neste momento, as memoraveis palavras de Sir Robert Peel, quando accusado pelos seus parentes e amigos, não só de abandonar e repudiar os principios do partido a que pertencia, mas até de atraçoar os seus co-religionarios.

Em tão apertada contingencia dizia aquelle eminente cidadão: « A pusillaniedade e a falta de coragem moral ter-me-ião sem duvida impellido para outra direeção que não a que tomei. Se em mim actuasse o receio da responsabilidade, das recriminações e dos debates no Parlamento, de certo teria cuidadosamente occultado minha opinião real á sombra do pretexto deshonesto de uma falsa e mal entendida constancia. »

Por professor, Sr. Presidente, idéas que pódem parecer a alguns demasiado adiantadas, embora estejamos em um paiz novo, sem tradicções e que indubitavelmente preeisa de grandes reformas, não saío, não quero sahir do partido em eujas fileiras tenho a honra de militar desde os meus primeiros annos. O que quero é desenvolver essas idéas; é averiguar e estudar a impressão que produzem no paiz; proeurar adeptos, quer na opinião publica, quer no seio dos meus áliados politicos.

Ora, esse resultado só poderá produzir-se gradual e paulatinamente, de conformidade, portanto, com um dos principios eardeaes da escola partidaria a que pertenço. Sempre que me fôr possível, procurarei animar, aetivar a aeeitação e propaganda dessas opiniões que não apresento, comtudo, nem posso apresentar, como programma realizavel em prazo certo e fatal. Se não medrarem tão cedo, não será para mim causa de divergencia, de estremeieimentos nem de desgostos insanaveis, porque saberei insistir como homem convenido; saberei sobretudo esperar. No circulo completo das grandes medidas a tomar, umas pódem e devem ter no Brazil mais proxima realização do que outras. Tudo, porém, que se conseguir terá de ante-mão meus applausos, minha completa adhesão.

Posso estar em erro; mas, Sr. Presidente, nutro a convicção funda e séria daquillo que expendo desta tribuna. Espero que os factos e os argumentos me convenção do engano em que labora o meu espirito; acredito, porém,

que cumpro com lealdade os meus deveres de representante da Nação, estudando as medidas que em outras nações promovêrão beneficios de grande esphera e expondo, sem rebuço nem vacillações, tudo quanto julgo ser de utilidade para o meu paiz e de applicação imprescindivel em tempo mais ou menos breve, sobretudo hoje que estamos entrados n'um periodo melindroso, cujas difficuldades pôdem ir se aggravando cada vez mais, depois da declaração de um *deficit*, que, como primeiro grito de alarma, deveria ter acordado todos os espiritos e fazê-los attentar cuidadosamente para a gravidade da causa publica.

A confissão desse *deficit* foi, Sr. Presidente, como a Camara sabe, de proveitoso effeito durante algum tempo, infelizmente curto, pois manifestárão-se logo desejos de derrubar as pequenas barreiras que se havião levantado contra os desperdicios da Camara e do Governo.

Passados os primeiros momentos de estranheza, desenvolvêrão-se tendencias evidentes de uma propaganda em favor do optimismo, de maneira que se desvanecessem quaesquer apprehensões e aos olhos, sobretudo dos que tinhão que gastar, se desenhasssem as côres fagueiras da situação mais prospera e promettedora que possa ter uma nação.

Se ha inconvenientes no pessimismo, com ha em tudo quanto se deriva da exaggeração, nesse optimismo cégo encerrão-se males de tal natureza, de tamanhas consequencias, que a ninguem é dado calcular-lhes todo o alcance. *(Apoiados.)*

Os espiritos despreoccupados, que não querem considerar o futuro, aproveitando só as facilidades do presente, encarão o *deficit* como um facto normal, natural, nos orçamentos de todas as nações.

Mas, Senhores, o Brazil se acha hoje em condições excepçionaes, tão extraordinarias, que, a meu vêr, em nenhum outro paiz encontra a lição que devidamente lhe aproveite.

Se presentemente não ha ainda *deficit*, amanhã ou de-

pois ha de apparecer, e por uma razão muito simples, é que a renda tende imperiosamente a descer e a producção a decrescer. (*Apoiados.*)

O SR. AFFONSO CELSO: — Tanto que o Governo já recebe dinheiro a premio.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Duas razões obrigão a esse movimento de descensão: o desaparecimento rapido do trabalho servil e a transformação sempre laboriosa e lenta deste em trabalho livre. Se pois não houver muito cuidado, muito patriotismo, se não se tomarem medidas energicas, quando não esbarrarmos com ella, havemos pelo menos de entrevêr a medonha carranca da banca-rôta, e o exemplo já nos vão dando muitas Provincias do Norte do Imperio, que estão em verdadeira liquidação forçada. (*Apoiados.*)

A situação me parece grave, Sr. Presidente, não pela existencia reconhecida do *deficit*, que se procurou abafar a todo o transe e que ficou em aberto, mas pelas circumstancias especiaes que o rodeião. O caso é de tal ordem que não julgo sufficientes os expedientes, meios e tradições da guarda conservadora, de que ha pouco tempo nos fallou aqui um dos seus dignos e eloquentes representantes.

Ha annos podia a escola conservadora contar com um elemento indispensavel á vida regular normal das nações: o trabalho em todas as suas manifestações, em toda a sua expansão. Hoje vemos reduzir-se nossa fonte, senão exclusiva, incontestavelmente mais abundante de producção, o elemento escravo, sem que lhe demos substituição, de modo a se effectuar, já não digo insensivelmente, mas sem grandes abalos, a transição para o trabalho livre.

Se formos indo como vamos, de certo chegaremos a um periodo doloroso para todo coração patriotico, qualquer que seja o lado a que pertença, porque ha de pulsar como brasileiro. (*Apoiados.*)

Não podemos, como parecem querer os espiritos côr de rosa, não podemos entregar tambem os mais graves e até

perigosos problemas da sociedade ao calôr e á humidade.
(*Apoiados.*)

O Brazil, Sr. Presidente, acha-se actualmente nas condições do operario que vê seu melhor instrumento de trabalho gasto e incapaz de bem servir os seus interesses. Suas preocupações, seus pensamentos, devem de certo ser outros que não no tempo em que esse instrumento tinha toda a pujança. Antes do mais, o que urge é reparar, restabelecer aquillo que se foi perdendo.

E' por isto que não cabe agora a limitação que a guarda conservadora impunha como barreiras á iniciativa dos politicos daquelle partido. A nós da moderna geração e filhos dessa gloriosa escola que tantos serviços prestou ao Brazil, principalmente nas suas épocas mais criticas e penosas, o que compete, primeiro que tudo, é guardarmos illeso um principio que considero salvador e capaz de constituir segura linha divisoria entre nós e qualquer outro dos partidos politicos: o respeito á autoridade.

Fôra má fé e desconhecimento da verdade historica, suppôr que da observancia desse principio pôde resultar a estagnação das forças do paiz, pôdem nascer obstaculos ao desenvolvimento dessas mesmas forças (*apartes e apoiados*); mas tambem fôra erro e erro grave repellir de nós as idéas de maxima civilisação, de actualidade, impedir as aspirações modernas, hoje brilhantes realidades nas mais adiantadas nações do mundo, e sem as quaes o Brazil não pôde marchar desafogadamente na senda do progresso, como deve e como merece.

(*O Sr. Andrade Figueira dá um aparte.*)

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—As idéas, Sr. Presidente, de transformação de uma sociedade não pôdem pertencer a um determinado lado partidario; não pôdem ser apanagio nem monopolio de ninguem. Tempe virá, e Deus permitta não seja muito longe do momento em que fallo, em que será considerado como politico impossivel,

quem impugne com o ardor da defeza natural e a todo o transe essas idéas, essas tendencias. (*Apartes.*)

UMA VOZ:—Mas quaes são? (*Apartes.*)

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—Ouça-me o nobre deputado. Tenho diante de mim senão quanto tempo quizer, pelo menos as duas horas que marca o regimento.

O SR. AFFONSO CELSO:—A velha guarda parece que não está muito unida. (*Apartes.*)

O SR. GOMES DE CASTRO:—Conforme o sentido que se der á velha guarda.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—Dizia eu, Senhores, que será considerado como politico impossivel, aquelle que repellir intransigente a maior parte dos pensamentos generosos que accelerão hoje o progresso dos povos. O caso fôra, pois, simplesmente de paciencia, se com as nações não se dêsse o mesmo que com os individuos; se ellas não tivessem seus periodos de robustez, força e saude, suas épocas de decadencia e abatimento. (*Apoiados.*)

O SR. ANDRADE FIGUEIRA dá um aparte.

O SR. AFFONSO CELSO:—A paciencia é a unica linha divisoria entre V. Ex. e o nobre deputado pelo Rio de Janeiro.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—A paciencia que não conhece limites póde deixar desaproveitadas preciosas oppor-tunidades. Não me mostro comtudo sófrego de mais. Como já deixei bem claro, o que quero por ora é a discussão, e uma discussão em regra admite pausas e pausas ás vezes bem longas. (*Apartes.*) Continuando nesta ordem de idéas, lembrarei que, se emquanto moço, isto é, na plenitude de seus mais valentes meios de acção, o cidadão não cuidar incessantemente de seu futuro, não será nunca cousa que preste nem para si nem para sua patria; assim tambem devem os estadistas aproveitar os tempos de profunda paz externa e interna da nação, actividade e energia do espirito publico, para considerarem todos os problemas que pódem atrazar

ou adiantar o desenvolvimento dos estados entregues á sua direcção e dar a esses problemas a mais conveniente solução.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA:—E abalar a sociedade mais do que tem sido.

(*Ha outros apartes.*)

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—Se achão longas estas considerações, vou encurtar o que tinha que dizer. (*Não apoiados.*)

A lei do elemento servil foi, Senhores, uma lei moralizadora, que entendia com a dignidade do Brazil perante o mundo civilizado, lei sem duvida regeneradora dos nossos costumes, mas foi um golpe fundo no nosso principal meio de producção.

Os Estados-Unidos cortarão o mal pela raiz, mas nas condições que tão judiciosamente havião sabido arranjar, estavam os meios completos de reparar as forças perdidas.

Com razão preferimos a brandura aos recursos violentos; más não temos até agora tomado providencias para o periodo, talvez mais proximo do que geralmente se acredite, do depauperamento das forças vivas do paiz. (*Apoiados.*)

Além das causas que vão tornando muito sério e espinhoso o problema de retemperar a vitalidade da nação brazileira (*apoiados*), ha outra, que está na consciencia de todos: é a tradicional indolencia que produz não só o desamor á actividade, como a falta de iniciativa, tradicional porque desde os tempos coloniaes, o braço escravo foi rebaixando a nobreza e importancia do trabalho e facilitando a fatal inoculação da preguiça, virus perigoso e lethal, cujos effeitos desanimadores se manifestão principalmente nas Provincias do Norte. (*Apoiados.*) Felizmente, começou já o periodo da reacção, mas durante ainda muito tempo hade o Brazil pagar a culpa da creatura escravizada. (*Apartes.*)

Houve uma prosperidade que se firmava em fraquissimos alicerces; destruidos estes, ficarão os habitos contra-

hidos desde infancia, os preconceitos e a madraçaria, fazendo parte de nosso systema social. (*Trocão-se muitos apartes.*) Procuero, Senhores, quando estou neste posto de honra, dizer a verdade como ella é, ainda que dolorosa. Tenho, porém, plena confiança que a nação brasileira sobrepujará quantas difficuldades e tropeços se ergão para empecer sua marcha progressiva.

Com a protecção de Deus, com o esforço de melhores estadistas do que temos tido, feitas limitadissimas excepções entre as quaes toma um dos primeiros lugares o eminente Visconde do Rio-Branco, com o bom senso de que tem dado tantas e tão bellas provas o nosso povo, chegaremos de certo a realisar a brilhante profecia do publicista John Le moine, que só via no mundo tres imperios em condições de representar um papel eminente e preponderante no futuro: a Russia, os Estados-Unidos e o Brazil.

Más, Senhores, para isto convém não cerrar os olhos aos factos e á evidencia: convém abrir os ouvidos aos brados da verdadeira civilisação e saber repellir com energia as tresloucadas exigencias do espirito ultramontano, tenaz e persistente em suas tentativas e perigoso pelas illimitadas eonquistas que premedita. (*Apoiados, não apoiados e apartes.*)

Não posso, Sr. Presidente, vêr de sangue-frio quererem dispensar o concurso dos conservadores na transformação gradual da sociedade brasileira. Sei bem que o meu primeiro discurso provocou estranhezas da parte de dignos co-religionarios meus, mas também, de outros, distinctos pela posição e talentos, recebi provas de adhesão, e V Ex. se ha de recordar que nesta casa já se levantou a voz sympathica de um nobre deputado por S. Paulo, pugnando com louvavel franqueza pelas idéas que querem considerar fataes e subversivas, quando são pelo contrario salvadoras. (*Apartes.*)

A alguns espiritos causou verdadeiro assombro a possibilidade da grande naturalisação, que se lhes afigurou de

repente a confusão anarchica de todos os povos, uma Babel, um mal gravissimo, que em suas menores consequencias traria inevitavelmente o anniquillamento da nação ou seu completo avassalamento ao elemento estrangeiro. (*Apartes.*)

Para combater este argumento *ad terrorem* basta a simples bôa fé; basta olhar para a historia dos povos que aceitarão desde os primeiros dias de sua organização politica esse principio digno e elevado. Não quero, Sr. Presidente, não posso querer, e commigo todos quantos sintão no coração pulsar a fibra do patriotismo, o avassalamento do Brazil; o que desejo é que todos os homens de boa vontade, leaes e energicos, concorrão para o engrandecimento e a prosperidade da minha patria. (*Apoiados. Muito bem.*)

O SR. DANTAS.—Era o argumento *mutatis mutandis* contra a abertura do Amazonas.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—No estado actual das cousas, que vemos no paiz?

De um lado estrangeiros, que, vivão quantos annos viverem, são sempre estrangeiros; de outro nacionaes, que, não podendo prescindir do concurso daquelles, não os admittem comtudo na completa communhão civil e politica, de maneira que no seio da nação ha uma classe verdadeiramente privilegiada, sem onus, nem grandes ligações de deveres, mas que, aos olhos da lei brasileira e perante o sentimento nacional, são de categoria e condição inferior. Dahi resultão esquivanças, aborrecimentos reciprocos e in-supportaveis, á maneira de um casal que não se entende, mas que não pôde divorciar.

Como sempre forão as nossas cousas e ainda permanecem, não pôde o elemento estrangeiro deitar raizes verdadeiras no sólo do Brazil (*não apoiados; apartes*), e, sem aprofundar muito, acharemos como causa essa malquerença intima que os Portuguezes buscarão, no desenvolvimeuto de seu sys-

tema colonial, implantar neste continente e de que são hoje as primeiras victimas.

(*Reclamações*).

Peço aos nobres deputados que me attendão. Observem; viajem pelo interior; analyse os factos que se dão mesmo nas grandes cidades, e verão se tenho ou não alguma razão.

Se os estrangeiros aqui domiciliados mantêm relações seguidas e nexos com a patria donde vierão, o unico e incessante objectivo que elles tem diante dos olhos é adquirir rapidamente meios de fortuna, explorar quanto possível o paiz, para se retirarem logo, levando tão sómente saudades da esplendida natureza, no seio da qual viverão durante algum tempo. (*Não apoiados e apartes*).

Se, porém, se conservão no Imperio até o ultimo dia de existencia, têm dous alvîtres a seguir: ou se naturalisarem, ficando em posição inferior á do nacional, e recebendo portanto dos seus novos concidadãos um tratamento de duvidosa cordialidade, ou então persistirem em sua nacionalidade, que afinal vêm a perder, quando não satisfazem as exigencias dos respectivos consulados.

E' na verdade durissima contingencia!

Um escriptor, Sr. Presidente, que estudou sériamente as questões de emigração, assignala com toda a verdade as regalias em essencia acanhadas que proporcionamos aos naturalisados e os inconvenientes dessas mal entendidas restricções. Diz Julio Duval: (*Lé*)

« Na maior parte dos Estados sul-americanos a naturalisação, sem duvida muito facil, parece antes *onus* do que beneficio; antes meio de subtrahir o novo cidadão á protecção dos consules do que de lhe abrir os privilegios da igualdade politica; desejão-no mais como trabalhador auxiliar, do que na qualidade de membro activo e influente de uma sociedade nova. Por isso elle foge com desconfiança da naturalisação, em lugar de procura-la pressuroso. »

Não ha desenho mais fiel do que se passa no Brazil, que obteve comtudo do mesmo Duval as seguintes e mercedas palavras: (*Lé*)

« Aquem e além do equador, a republica domina com grande liberdade pessoal, e a monarchia brasileira não é menos liberal do que as republicas que a cercão. Ella apresenta, além disso, a estabilidade de governo, que falta aos seus visinhos, sempre agitados pelas lutas de partido. e frequentemente dilacerados pelas guerras civis. Em relação ás garantias de ordem, o Brazil leva a palma aos Estados-Unidos. »

V Ex. vê, Sr. Presidente, que este homem falla com imparcialidade e conhecimento de causa, depois de ter estudado e comparado as condições que apresentam os diversos Estados americanos e o Brazil.

E' sem duvida facto que deve causar estranheza ao espirito reflectido, não vêr um só estrangeiro illustre pedir cartas de naturalisação, quando comtudo muitos têm vivido largos annos entre nós, viajado nossos extensos sertões e sobretudo dado inequivocas provas da maior sympathia, de amizade e até admiração, senão aos homens, pelo menos á nossa organização como esperança fagueira a espiritos elevados.

VOZES:—Muitos se tem naturalisado.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—Quantos estrangeiros illustres o têm feito?

O SR. SILVEIRA MARTINS:—O almirante Grenfell nunca quiz ser brasileiro. (*Apoiados*).

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—Porque todos esses viajantes de nomeada, Spix, Martius, Saint-Hilaire, Pohl, Schwegue e tantos outros nos deixarão para sempre? Porque é que Lund, cuja vida é consagrada á sciencia em beneficio do Brazil, (*apoiados*), Liais e outros serão estrangeiros até o derradeiro sôpro de vida? (*Apartes*.)

E', Sr. Presidente, que sentirão e sentem correr no es-

pirito da população um movimento, talvez involuntario, mas existente de constante repulsa. E' que os Estados novos que comprehendem devidamente os seus interesses aceitam como uma honra o desejo de homens daquella ordem pertencerem ao seu mechanismo politico, ao passo que a lei brasileira impõe reservas, senão offensivas, pelo menos vexatorias ao sentimento da dignidade.

Distinguão-se quanto puderem nas sciencias, letras, artes e industrias eminentes personalidades, a nossa constituição não os aceitará como capazes e aptos de bem praticarem todos os direitos que devem pertencer ao cidadão de um paiz livre.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA:— A lei actual favorece muito as naturalisações.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:— E depois, Sr. Presidente, quaes os incentivos, quaes os centros de attracção para as grandes correntes de immigração de que tanto carecemos? Entretanto que contraste com os Estados-Unidos que sabem chamar a si e prender para sempre vultos como Agassiz, Erickson, Lesquereux, Guyot, Brown Sequard, um dos luminares da sciencia medica, Martle, o Conde de Portalés, Bennet, Stewart, Schurtze, ha poucos annos membro desconhecido da sociedade berlineza, hoje chefe do partido democratico, uma das mais elóquentes figuras do senado americano e ministro do interior!

Quantos milhares de contos de réis, Srs., não vale a acquisição completa, absoluta, de homens dessa esphera, que, nascidos e educados em outros paizes, levão de chofre para a patria que adoptão um nome respeitado em todo o orbe civilisado e um cabedal espantoso de conhecimentos, de estudos e de experiencia?!

O SR. DANTAS:— Nós não carecemos de nada disso.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA:— Os Estados-Unidos já tem uma população superior a 40 milhões.

O SR. SILVEIRA MARTINS:— Isso é razão de mais.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—Sr. Presidente, ha poucos mezes, referirão os jornaes que o Santo Padre Pio IX, em uma de suas inspiradas allocuções aos peregrinos, mostrára-se vivamente impressõnado da grandeza dos Estados Unidos e dos progressos que nelles fazia o catholicismo.

Como, porém, se formou essa gigantesca nação? Como chegou ao gráo de pujança e prosperidade que tanto assombra a quantos a contemplão?

Porventura pela applicação dos principios retrogradados e rotineiros, ou pela pratica das idéas mais adiantadas do seculo em que temos a felicidade de viver? Da combinação, Senhores, de elementos que o espirito ultramontano considera positivamente demoniacos, formou-se, entretanto, uma ordem de eousas na qual o catholicismo foi lançar as bases de uma de suas mais valentes columnas.

E' que a doutrina verdadeira de Christo quer a liberdade; affeiçõa a luta. Por meio dellas é que mais se expande e resplandesce. Só póde convir o circulo de ferro que em materia de religião mantemos, a um clero sem estudos, sem energia e iniciativa; mas não havemos por certo de saerificar o futuro de uma grande nação á méra commodidade de uma classe que assim mais depressa se desconceitua e desprestigia. (*Apoiados*).

A este respeito ouçamos a autorisada e insuspeita palavra do Conde de Montalembert em seu livro *Dos interesses catholicos no seculo XIX*: (*Ié*)

« Proclamo, diz elle, sem reeeio de eontestação, que devemos o exito maravilhoso e imprevisto dos interesses catholicos á liberdade. Sim, por toda a parte a luta tem aproveitado á Igreja, e a luta não é possivel sem a liberdade. Por toda a parte tem sido essa regeneração tanto mais completa e faeil, quanto mais sincera e séria é a liberdade. Digo mais, que tal regeneração só se deu onde foi preeedida ou provocada pela liberdade politica debaixo de uma fórma mais ou menos perfeita. »

Nessa luta constante, Sr. Presidente, é que o catholicismo ha de progredir e se apurar. Da estagnação religiosa em que vivemos, e que muitos julgão indispensavel, deve elle mais se arreceiar do que do embate e do cotejo com outras crenças livres de se manifestarem. (*Apoiados e apartes.*)

Entre nós, Senhores, se escreveu um livro que não me cançarei de elogiar, o livro do Sr. conselheiro Cardoso de Menezes. (*Muitos apoiados.*) Esse meu illustre collega de deputação, conservador conhecido, politico firme em suas convicções, distincto publicista (*apoiados*), encarou todas as theses que se ligão ás questões de immigração e colonisação com verdadeira sinceridade de vistas, com verdadeira consciencia. (*Apoiados.*)

Porque razão, porém, o apparecimento desse livro, fructo sazonado do estudo e da meditação, não causou a estranheza que produzio o discurso em que eu trouxe a esta tribuna as mesmas idéas que elle advoga com igual calor, com igual enthusiasmo e muito mais eloquencia? Porque não se levantou contra o autor o brado de que não estava mais no seu partido, delle se separára para sempre, tornára-se radical e não sei mais o que? (*Apartes.*)

O SR. COELHO RODRIGUES:— E' que o livro não foi lido.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:— Tambem assim creio; entretanto, se ha obra digna de acurada leitura é esta em que o nobre relator, com firmeza, com phrase incisiva, pede a realisação das grandes necessidades do Brazil, encerradas na decretação da liberdade religiosa, do casamento civil, das medidas complementares e implicitamente da grande naturalisação.

V Ex. sabe, Sr. Presidente, que todo homem de dignidade é naturalmente cioso das crenças que recebeu de seus pais. Emquanto não fôr convencido do erro em que labora, ha de zelar a fé que tem em si, ha de buscar rodeal-a do maximo prestigio, alimentando cuidadosamente a chamma de suas convicções. Pois bem, em nossa constituição ha uma

disposição terminante que só permite immigração espontanea a povos catholicos, os menos proprios sem contestação para os fins da colonisação.

Por que tão sómente tolerar aquillo que não é vergonhoso? Por que não permittir que cada casa de oração tenha a fórma exterior de um templo? Naturalmente os protestantes e acatholicos nunca procurarãõ com gosto um paiz onde sua religião, por disposição do Codigo Fundamental, é mais ou menos desconsiderada.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA:—Não ha tal. (*Apartes*).

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—Nas colonias que visitei em Santa Catharina, notei o desgosto, o vexame com que os protestantes fallavão na impossibilidade de dar ás suas igrejas fórma externa de templo, que tem proporçõs mais nobres que qualquer outro edificio e claramente indicadores do elevado fim a que se destina. (*Apartes*).

Sr. Presidente, se ha paiz que se diz civilisado, mas que ao mesmo tempo se mostre intransigente e indifferente em questão de religião é o nosso. (*Apartes*).

O SR. ANDRADE FIGUEIRA:—Não póde ser ao mesmo tempo indifferente e intransigente.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—Póde: é indifferente á sua propria religião e intransigente para com a dos outros. Quer V Ex. maior prova de intransigencia do que os apedrejamentos dos vendedores de biblia e dos propagandistas que julgão poder expôr em publico suas creuças? Não é deste modo que procede a religião de Christo. Estão por meio de absurda pressão fazendo insanavel mal a este Brazil que só pede que não lhe ponhão estorvos á marcha gradativa e rapida que poderia levar.

Casamento civil! Fazer desta medida thema de uma polemica incandescente e religiosa, quando os paizes mais catholicos do mundo, a França, Austria, Belgica, Italia e até a Hespanha, a introduzirão em seus codigos e a mantêm?!

Quanto é justo o seguinte appello que o sempre lembrado

Tavares Bastos dirigia ao governo de então e a quantos ministerios guiassem as cousas publicas? (*Lé*):

« Seção, dizia elle, dignos de sua missão os estadistas brazileiros, faeilitando esta reforma, reclamada pelos interesses da immigração e pelas supremas exigencias da moralidade e da liberdade. Não se lhes pede muito; não se trata de deseer ao fundo da questão religiosa; não se pretende uma reforma constitueional. Pede se um esforço de logica, um acto de cohereneia. »

Sr. Presidente, a lei de 11 de Setembro de 1861 e o decreto de 17 de Abril de 1863 pareceêrão eneaminhar alguma solução á difficuldade, mas em muitos casos são méramente illusorias as disposições de protecção.

Na verdade, o que exige para legitimidade do casamento essa lei? Quatro condições: o acto religioso; o registro; o reconhecimento do pastor pelo governo; e a auseneia de impedimentos que se oppõem ao eonsoreio dos catholicoes.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA:—Os impedimentos a que a lei se refere são sagrados; são dirimentes.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY:—Responde a V Ex. o illustre Sr. conselheiro Cardoso de Menezes (*Lé*): « Um dos impedimentos do casamento entre eatholico e aeatholico é a disparidade de culto; o casamento, pois, entre individuos destes dous cultos é nullo, e, sendo os mais frequentes nas eolonias e nas do Estado, onde existem em quantidade quasi igual eatholicos e prctestantes, fiea salvo ao padre, se os tribunaes eivis annullarem o matrimonio, o tornar a casar *validamente* o individuo eatholico ou eonvertido ao catholieismo, que, cansado e arrependido do *concubinato*, quizer mudar de eompanheira e fundar familia regular! »

Conclue elle, pois: (*Lé*) « A lei de 1861 é, portanto, illusoria e deixou as eousas no antigo estado. A garantia de ser da competencia dos tribunaes eivis a nullidade dos easamentos não catholicoes póde tambem ser falseada pelo elero, à vista

da attitude hostile do episcopado para com os poderes do Estado. »

Por todas essas razões pergunta o distincto escriptor: (*Lé*) « Qual o estrangeiro que quererá sujeitar-se a taes contingencias, emigrando para um paiz em que só encontrará segurança para a existencia da familia, renegando a religião que professa? »

Responda agora aos innumerados apartes que me forão dado desta baneada Frederico Kapp, no seu livro sobre immigração nos diversos Estados da Confederação Americanana. Diz elle: (*Lé*) « Os emigrantes preferem os Estados onde o trabalho é bem remunerado; onde as terras são baratas; onde não existem privilegios e onde, desde o dia de embarque, fieão em perfeito pé de igualdade com os nacionaes. »

Ora, Senhores, com exeeção apenas da ultima condição, aliás talvez mais importante, não ha paiz do mundo que offereça a realidade das outras mais do que o nosso Brazil. Aqui a compensação do trabalho é grande; as terras mais que baratas, pois são concedidas gratuitamente; a intervenção do governo sempre no sentido de auxilios pecuniarios valiosissimos; não existem distincções de classes nem privilegios, tudo ainda mais favorecido pelo espirito de ordem e de respeito ás leis da nossa população. (*Apoiados.*)

Que nos falta?

Vencer as barreiras, alterosas na apparencia, mas realmente de faeil transposição, levantadas por habitos de rotina, por preconceitos e infundados receios. (*Apartes.*)

A grande naturalisação, o que será, Senhores? A confusão tumultuosa dos povos, uma aspiração eomopolita, uma utopia, o avassalamento do Brazil ao estrangeiro? Não, Sr. Presidente, é o aproveitamento de todas as forças vivas que concorrerem a este bello torrão para apressar-lhe os grandiosos destinos; é a disposição contida na Constituição dos Estados-Unidos, § 2º da 2ª secção, § 3º da 3ª secção do art. 1.º e hoje aeeita pelos povos mais adiantados do mundo.

Ainda ha poucos annos, depois das discussões as mais sérias e importantes nas Camaras Francezas, tornou-se lei do paiz e no Parlamento Inglez passou sem restricções na Camara alta.

Quando citei no meu primeiro discurso esses dous exemplos houve como que certa duvida e estranhesa. Preciso, pois, deixar bem claro que não truquei de falso.

A lei franceza, que acabou com a distincção entre a pequena e a grande naturalisação, é de 29 de Junho de 1867. Reduzidas suas disposições a dous artigos e resumida em termos simples, excitou o debate vivo interesse, por isso que a elle se prendião as mais elevadas considerações politicas e internacionaes.

Não ha sociedade, Sr. Presidente, que não se tenha mostrado zelosa de sua nacionalidade, manifestando em grão mais ou menos subido inquieta desconfança, quando se tratou de admittir estrangeiros no numero dos cidadãos. Nos povos que tem grandes tradições que guardar; nos que são conquistadores e aristocraticos, vivendo em antagonismo com outros, comprehende-se essa repulsa quasi instinctiva: mas como explica-la em grandes instituições democraticas, onde imperão os sentimentos mais livres e humanos?

Passando um relancear de olhos nas diversas phases das leis de naturalisação em França, vemos que antigamente era ella outorgada pelo Parlamento. A Constituinte exigio, afora os casos excepcionaes, cinco annos de domicilio, o juramento civico e uma das tres seguintes condições: casamento com mulher franceza, posse de immoveis sitios em França ou um estabelecimento de agricultura ou commercio,

Em 1793, nos momentos de enthusiasmo exuberante, foi o prazo reduzido a um anno, quando tivesse o estrangeiro casado com uma franceza, adoptado uma criança ou sustentado um velho. Houve reacção contra essas facilidades e, antes mesmo da restauração dos Bourbons, exigia-se para

a naturalisação o prazo de 10 annos de residencia permanente, depois de obtida do governo licença para o estrangeiro se estabelecer em França.

Depois da revolução de 1848, abolidas a declaração prévia e a admissão em domicilio, reduzio-se novamente o tempo de residencia a 5 annos, naturalisando-se, por essa occasião, em poucos mezes, 1,572 filhos de outros paizes, o que pareceu um perigo e provoeou a reforma de 3 de Dezembro de 1849, que restabeleceu algumas das restricções anteriormente revogadas.

Esse tempo, Sr. Presidente, pela ultima lei de 29 de Junho de 1867, é só de 3 annos, contados, não mais do dia em que é dada a authorisação para o estrangeiro fixar domicilio em França, mas daquelle em que fôr registrado o seu pedido, annos que podem ser abreviados para aquelles que tenham prestado valiosos serviços á nação, introduzindo uma industria ou invenção útil, que trouxerem talentos reconhecidos, etc.

Emfim, diz o artigo de onde extrahi estes dados: (*Lê*) «A distincção entre a pequena e grande naturalisação desapareceu eom a nova lei. O estrangeiro naturalizado é admittido a gozar de todos os direitos de cidadão nascido em França..... »

Attenda bem a Camara: «póde preencher todos os cargos publicos; ser elevado a todas as dignidades... »

Vejão agora os nobres deputados a regalia que é considerada suprema: « tornar-se elegivel ao corpo legislativo. Com razão ponderou-se que se o estrangeiro póde ser pelo principe ehamado a eommandar os exercitos da França, nada impede que a escolha dos eleitores lhe eonfira a honra de represental-os nos eonselhos da nação. »

O publicista Emilio Chédieu, Sr. Presidente, dando eonta no *Jornal dos Debates* de 25 de Maio de 1867 da diseussão havida no senado francez, depois de varias eonsiderações judiciosas, diz o seguinte: (*Lê*)

« Essa discussão versou principalmente sobre a supressão da distincção entre a pequena e a grande naturalisação, que, como dissemos hontem, ficou definitivamente consagrada nas disposições da nova lei. Convém que, segundo a constituição que nos rege, seja o estrangeiro admittido na qualidade de cidadão francez, gozando de todas as prerogativas que essa qualidade confere, que seja eleitor e elegivel ? »

Veja V. Ex., Sr. Presidente, que esta é a preocupação mais activa dos que pensão no assumpto: (*Lé*)

« Ou, continua Chédieu, devem-se crear duas classes de cidadãos, uns gozando dos direitos civis, outros de posse dos direitos civis e politicos? O Sr. de Parieu, respondendo ao honrado Sr. Ricard, fez notar que nas sociedades actuaes, abaixando-se as barreiras entre as nações, perde importancia a questão de naturalisação. O que fica verdade inconcussa é que, tornando-se as relações de dia para dia mais numerosas e entrelaçadas, cumpre proporcionar ao estrangeiro facilidades maiores, que considerações de familia e interesses reciprocos aconselhão e tornão até indispensaveis. »

Hoje é isto uma realidade em França pela já citada lei de 29 de Junho de 1867.

Voltemos agora, Sr. Presidente, os olhos para a Inglaterra, que tantas e tão justificadas razões de sobresalto e até repugnancia tinha para tocar nesse ponto do seu codigo de leis.

Apezar do desagrado natural que sempre causa á Camara a leitura prolongada de documentos e artigos, não posso deixar de lhe dar conhecimento integral da seguinte correspondencia, escripta de Londres para Paris, e impressa no jornal official do imperio francez de 7 de Abril de 1870. (*Lé*)

« A camara dos lords, diz o articulista, acaba de votar a 4 de Abril corrente, em 3ª discussão, por proposta do lord chancellor, um *bill* reformando completamente a lei ingleza, debaixo do ponto de vista da naturalisação. A le-

gislação até hoje vigente não considerando validas as naturalisações de subditos britannicos em nação estrangeira, tornava-se uma fonte de complicações com os paizes para onde tem affluído a emigração desde o começo do seculo e que proeurarão attrahir estrangeiros por toda a sorte de privilegios e concessões. As difficuldades existentes entre a Inglaterra e os Estados-Unidos tinham já patenteados os conflictos que surgirão entre os dous paizes em relação a emigrantes inglezes.

« O recente exemplo da Prussia que nas mesmas condições concluiu com os Estados-Unidos uma convenção, modificando suas proprias leis sobre naturalisação, attrahio particularmente a attenção do governo inglez para tão grave assumpto. Foi nomeada uma commissão de exame, em cujo seio se achavão as autoridades mais competentes, quer em leis quer em politica, e por unanimidade digna de nota opinarão os commissarios pela necessidade de revisão. O relatorio foi a base do *bill* que aeaba de ser votado pela Camara alta.

« Em virtude da lei nova, eada subdito inglez goza do direito de renunciar a essa qualidade e pelo faeto de naturalisação em paiz estrangeiro perde sua nacionalidade. Ao mesmo tempo estabelece o *bill* novas condições para a obtenção da naturalisação na Inglaterra. Todo estrangeiro que pedir esse favor deve justificar 3 annos de residencia ou de serviços, apresentando attestados.

« Uma vez satisfeito esse requisito, *entra na posse de todos os direitos politicos ou outros poderes e privilegios que possuem pertencer ao subdito inglez.* A nova medida eonsagra um grande progresso nos effeitos da naturalisação. Na verdade até hoje nenhum naturalisado podia assentar-se no conselho privado, nem pertencer a nenhuma das camaras do Parlamento. Agora sua assimilação eom o inglez é completa.

« Em resumo, immensos são os resultados do novo acto.

De um lado novas facilidades creadas para o estabelecimento de estrangeiros no paiz, *condição sempre favoravel ao desenvolvimento da riqueza nacional*, de outro eliminação de uma multidão de difficuldades nas relações internacionaes. »

Ora, quando os inglezes, que constituem uma nação no maximo ponto de prosperidade e grandeza, dizem isto, que poderemos dizer, nós os brasileiros? Porventura temos já attingido o pinaculo da riqueza nacional? De certo não ha quem leve seu *chauvinismo* tão longe. (*Apartes.*)

Procurei, Sr. Presidente, mostrar como professando opiniões, no entender de alguns, demasiado radicaes, conservar-me-hei no partido conservador.

Procurei tambem mostrar que o Brazil não caminha nem caminhará jámais como é digno, continuando com essa rotina de idéas que representa um circulo de ferro em que se acha mettido. (*Apoiados.*)

Tenho, Sr, Presidente, demasiadamente abusado da attenção da camara (*não apoiados*), tratando embora com cautela, de questões que a muitos nobres deputados merecem pouca sympathia.

Assim pois, vou terminar, e concluirei formulando ardentés vótos para que este paiz encontre em sua obra de transformação um estadista que tanto faça por elle quanto pela sua integridade territorial fez o eminente e venerando Sr. Duque de Caxias.

Com effeito folgo e folgarei sempre de reconhecer no illustre homem que se acha diante de mim o cidadão que mais serviços prestou a esta nação, resguardando a inteireza de seu immenso territorio, de modo a tornar-lhe possíveis os mais elevados destinos. (*Apoiados.*)

Venhão, Sr. Presidente, gradualmente e conforme fôr exigindo o espirito publico, as reformas necessarias, e formaremos deste Brazil um alteroso edificio que firme suas bases inabalaveis na Monarchia constitucional representa-

tiva, nossa garantia de ordem e de progresso, e cujo coruchêo se illumine aos esplendidos clarões da verdadeira liberdade. (*Muito bem! Muito bem!*)

VOZES:—Muito bem quanto á fórma.

(*O orador é cumprimentado.*)



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).